UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP

RENATA RUNAVICIUS TOLEDO

Os meandros da paixão: a questão das relações extraconjugais.

São Paulo
2017

RENATA RUNAVICIUS TOLEDO

Os meandros da paixão: a questão das relações extraconjugais.

Versão Corrigida

Tese apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo
para obter o título de Doutor em Ciências.

Área de Concentração: Psicologia
Clínica

Orientador: Prof. Dr. Francisco Baptista
Assumpção Junior.

São Paulo
2017

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catlogação na publicação Biblioteca
Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Runavicius Toledo, Renata

Os meandros da paixão: a questão das relações extraconjugais. / Renata
Runavicius Toledo; orientador Francisco Baptista Assumpção Junior. -- São Paulo,
2017.

142 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) -- Instituto
de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2017.

1. Paixão. 2. Relação Extraconjugal. 3. Desejo. 4. Casamento. I. Baptista
Assumpção Junior, Francisco , orient. II. Título.

Nome: Toledo, Renata Runavicius

Título: Os meandros da Paixão: a questão das relações extraconjugais.

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof (a). Dr (a). _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof (a). Dr (a). _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof (a). Dr (a). _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof (a). Dr (a). _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof (a). D (a). _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

“Pedras no caminho? Eu guardo todas. Um dia vou construir um castelo.”

Fernando Pessoa.

“Não me mostrem o que esperam de mim porque vou seguir meu coração”

“Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com seu amante”

Clarice Lispector.

DEDICATÓRIA

À minha doce filha Gabriela, por ser a constante e inesgotável fonte de alegria e vida. Que me tornou mãe e me ensina a cada dia a arte de me sentir especial por qualquer ato de vida em que estou com ela. Ela me torna mais criativa a cada sorriso que esboça.

Ao meu marido Fabio pelo apoio incondicional em todos os momentos, principalmente nos de incerteza, muito comuns para quem tenta trilhar novos caminhos. O parceiro que aguardou pacientemente minhas ausências.

Ao meu pai, nem sempre ao meu lado fisicamente, mas sempre comigo. Me faz acreditar que o ser humano vale a pena.

“Frente as questionáveis certezas humanas me arrisco contrariar todos os romances familiares tradicionais e afirmar que a presença de um pai é a certeza de uma existência saudável.” Renata R Toledo

AGRADECIMENTOS

“Aqueles que passam por nós não vão sós. Deixam um pouco de si. Levam um pouco de nós. Antoine de Saint-Exupéry

Ao meu assíduo orientador Dr. Francisco Assumpção, um apaixonado por tudo que faz, intenso em seus propósitos e admirado por mim. Topou o tema e me acompanhou lauda a lauda deste trabalho.

Sou extremamente grata a minha família

Aos meus pais, Luiz Carlos Toledo e Mara Elisa Runavicius que, com carinho, generosidade, incentivo e dedicação, não mediram esforços para que eu chegasse a esta etapa da minha vida. E ao meu irmão e parceiro, Ricardo, por dividir a estrada da fraternidade lado a lado comigo se manifestando como pilar essencial das minhas angústias.

Aos amigos desde infância e para toda vida: Ana Paula Frota, Daniela Calvo, Flavia Reis, Samantha Giorgi e Thelma Parada que me estimularam o tempo todo e participaram de todas as minhas conquistas.

A minha amiga e coordenadora do curso de psicologia em que ministrou aulas, Letícia Ravagnani, que além de facilitar o manuseio dos horários profissionais para que eu pudesse me dedicar ao doutorado, me ofereceu acima e mais importante que isso, apoio aos momentos tristes e solitários em que eu pensava que estaria sozinha. Sim, ela estava lá.

À professora Dra. Ceres de Araújo, pela participação na qualificação e banca de defesa, pela leitura e apontamentos nesse trabalho, além de ter ensinado humildemente que podemos ensinar o outro e apontar situações com elegância, delicadeza e gentileza.

À Mônica, amiga do laboratório de pesquisas de relacionamentos amorosos, que me acolheu em discussões didáticas e pessoais.

À Ana Célia, sogra e revisora do trabalho, ser humano que merece toda minha admiração nos diversos campos de minha vida. Admirável exemplo de maternidade, persistência e paixão pela vida.

Aos indivíduos apaixonados que se dispuseram a participar deste trabalho.

Ao tempo, à segunda metade da vida, momento que permite espontaneidade e muita criatividade.

OLEDO, R.R. (2017). *Os meandros da paixão: a questão das relações extraconjugais*. Tese de Doutorado – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RESUMO

A paixão, os relacionamentos extraconjugais e o casamento são temas interligados que instigam os homens desde os tempos remotos. A paixão apresenta como característica principal a experiência excessiva e é difícil de ser controlada pela razão. Será abordado neste trabalho o conceito de amor para esclarecer que a paixão amorosa possui uma estrutura que se diferencia das demais modalidades de amor. A paixão insere o indivíduo em uma vivência complexa e tem como característica elementar a ativação da criatividade e do desejo. O objetivo do trabalho é verificar por meio de um estudo comparativo entre pessoas casadas e pessoas casadas vivendo uma relação extraconjugal se as últimas apresentam maiores índices nas manifestações de distresse, expressão de afetos, impulsividade, propensão ao risco e busca de sensações. Para isso foram acompanhados 40 (quarenta) adultos entre 25 (vinte e cinco) e 60 (sessenta) anos, casados, de ambos os sexos, sendo 25 (vinte e cinco) deles vivendo uma relação extraconjugal, e outros 20 (vinte) que não vivenciavam relação extraconjugal. Foram utilizados os seguintes instrumentos de pesquisa: Escala do amor apaixonado (Passionate Love Scale), Escala de tipos de apego adulto, Avaliação de Classe Social-Pelotas, Mental Health Inventory (MHI), Escala de Alexitimia de Toronto, Escala de Propensão ao Risco Específico (Epre), Escala Barrat de Impulsividade (Barrat Impulsivity Scale), Inventário de Busca de Sensações de Arnett. Os resultados dos dois grupos (casados em relacionamento extraconjugal e casados sem relacionamento extraconjugal) foram comparados estatisticamente. Os dados foram analisados pelo teste não paramétrico de Mann-Whitney. A análise de resultados permitiu verificar que: (1) pessoas casadas vivendo uma relação extraconjugal não estão comprometidas em termos de psicopatologia; (2) não estão em busca de sensações; (3) não há padrão de apego diferente nos dois grupos analisados; (4) as pessoas têm consciência de que transgridem as normas sociais e refletem sobre isso; (5) para viver essa relação transgressora essas pessoas têm como característica assumir riscos; (6) os casados em relação extraconjugal estão buscando algo mais idealizado e mais duradouro enquanto afeto. No entanto, compensam menos com outras coisas e não se apresentam impulsivos. Conclui-se que não existem diferenças na vivência da paixão entre os grupos com e sem relação extraconjugal no que se refere às suas características. O grupo de pessoas com relação extraconjugal não apresentou nenhum comprometimento psíquico ou funcional. Portanto, as pessoas vivendo relação extraconjugal não estão comprometidas em termos de psicopatologia, não se apresentam impulsivas e nem estão em busca de sensações. Entretanto, podem estar, simplesmente, em busca de completude e de satisfação nem sempre presentes nos relacionamentos institucionalizados.

Palavras-chave: Paixão; Relação Extraconjugal; Desejo; Casamento.

Toledo, R.R. (2017) *The meanders of passion: the issue of extramarital affairs*. Thesis (PhD in Psychology). Psychology Institute of the University of São Paulo, São Paulo.

ABSTRACT

Passion, extramarital relationships, and marriage are intertwined themes that have instigated men since ancient times. Passion presents as its main characteristic excessive experience and is difficult to be controlled by reason. It will be approached in this thesis the concept of love to clarify that the passionate love has a structure that differs from the other modalities of love. Passion insert the individual into a complex experience and has as na elementary characteristic the activation of creativity and desire. The objective of this study is to verify by means of a comparative study between married and married people living an extramarital relationship if the latter present higher indexes in the manifestations of distress, affection expression, impulsivity, risk propensity and sensation search. 40 (forty) adults were followed between 25 (twenty-five) and 60 (sixty) years of age, married, of both sexes, 25 (twenty five) of whom were living in an extramarital relationship, and 20 (twenty) not living na extramarital relationship. The following research tools were used: Passionate Love Scale, Adult Attachment Type Scale, Social-Pelotas Classification, Mental Health Inventory (MHI), Toronto Alexithymia Scale, Risk Propensity Scale Specific (Epre), Barrat Impulsivity Scale, Arnett Sensation Search Inventory. The results of the two groups (married in extramarital relationship and married without extramarital relationship) were compared statistically. The data were analyzed by the non-parametric Mann-Whitney test. The analysis of the results allowed to verify that: (1) married persons living in an extramarital relationship are not compromised in terms of psychopathology; (2) are not in search of sensations; (3) there is no different pattern of attachment in the two groups analyzed; (4) people are aware that they violate social norms and reflect on it; (5) to live this transgressive relationship these people have the characteristic to take risks; (6) those married in extramarital affairs are seeking something more idealized and more enduring as affection. However, they compensate less with other things and are not impulsive. It is concluded that there are no differences in the experience of the passion between the groups with and without extramarital relationship in relation to their characteristics. The group of people with extramarital relationship did not present any psychic or functional impairment. Therefore, people living in extramarital relationships are not compromised in terms of psychopathology, are not impulsive and are not in search of sensations. However, they may simply be seeking completeness and satisfaction not always present in institutionalized relationships.

Keywords: Passion; Extramarital Relationship; Desire; Marriage.

TOLEDO, R. R. (2017) *Los meandros de la pasión: la cuestión de las relaciones extramatrimoniales*. Tesis de Doctorado - Instituto de Psicología, Universidad de São Paulo, São Paulo, 2017.

RESUMEN

La pasión, las relaciones extramatrimoniales y el matrimonio son temas interconectados que instigan a los hombres desde los tiempos remotos. La pasión presenta como característica principal la experiencia excesiva y es difícil de controlar por la razón. Se abordará en este trabajo el concepto de amor para aclarar que la pasión amorosa posee una estructura que se diferencia de las demás modalidades de amor. La pasión inserta al individuo en una vivencia compleja y tiene como característica elemental la activación de la creatividad y el deseo. El objetivo del trabajo es verificar por medio de un estudio comparativo entre personas casadas y personas casadas viviendo una relación extraconjugual si las últimas presentan mayores índices en las manifestaciones de distress, expresión de afectos, impulsividad, propensión al riesgo y búsqueda de sensaciones. Para ello fueron acompañados 40 (cuarenta) adultos entre 25 (veinticinco) y 60 (sesenta) años, casados, de ambos sexos, siendo 25 (veinte) de ellos viviendo una relación extraconjugual, y otros 20 (veinte) que no vivenciaban relación extraconjugual. Se utilizaron los siguientes instrumentos de investigación: Escala del amor apasionado (Pasionate Love Scale), Escala de tipos de apego adulto, Evaluación de Clase Social-Pelotas, Mental Health Inventory (MHI), Escala de Alexitimia de Toronto, Escala de Propensión al Riesgo Específico (Epre), Escala Barrat de Impulsividad (Barrat Impulsivity Scale), Inventario de Búsqueda de Sensaciones de Arnett. Los resultados de los dos grupos (casados en relación extramatrimonial y casados sin relación extramatrimonial) se compararon estadísticamente. Los datos fueron analizados por la prueba no paramétrica de Mann-Whitney. Los resultados del análisis ha demostrado que: (1) casaron personas que viven una relación extramarital no se vean comprometidas en términos de psicopatología; (2) no están en busca de sensaciones; (3) no hay patrón de apego diferente en los dos grupos analizados; (4) las personas tienen conciencia de que transgreden las normas sociales y reflexionan sobre ello; (5) para vivir esa relación transgresora esas personas tienen como característica asumir riesgos; (6) los casados en relación extraconjugual están buscando algo más idealizado y más duradero como afecto. Sin embargo, compensan menos con otras cosas y no se presentan impulsivos. Se concluye que no existen diferencias en la vivencia de la pasión entre los grupos con y sin relación extraconjugual en lo que se refiere a sus características. El grupo de personas con relación extraconjugual no presentó ningún compromiso psíquico o funcional. Por lo tanto, las personas que viven relación extraconjugual no están comprometidas en términos de psicopatología, no se presentan impulsivas y no están en busca de sensaciones. Sin embargo, pueden estar, simplemente, en busca de completitud y de satisfacción no siempre presentes en las relaciones institucionalizadas.

Palabras clave: Pasión; Relación extraconjugual; Deseo; Boda.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Sexo dos participantes.....	51
Tabela 02 - Idade e tempo de casado.....	52
Tabela 03 - Escala de Amor apaixonado (EAA).....	52
Tabela 04 - Escala de Tipo de apego adulto (ETAA).....	53
Tabela 05 - Inventário de Saúde Mental; Mental Health Inventory	54
Tabela 06 - Escala de Alexitimia de Toronto de 20 itens (EAT).....	55
Tabela 07 - Escala de Impulsividade de Barrat (EIB).....	56
Tabela 08 - Inventário de Busca de Sensações de Arnett (AISS).....	57
Tabela 09 - Comparativo entre os grupos quanto às questões da EPRE.....	58
Tabela 10 - Comparativo entre os grupos quanto às questões da EAA.....	63
Tabela 11 - Comparativo entre os grupos quanto às questões da EAT.....	66
Tabela 12 - Comparativo entre os grupos quanto às questões da EIB.....	68

LISTA DE SIGLAS

AISS	Arnett Sensation Seeking inventory
BIS 11	Barrat impulsivity Scale 11
EAA	Escala de Amor apaixonado
EAT	Escala de Alexitimia de Toronto
EIB	Escala de Impulsividade de Barrat
EPRE	Escala de Propensão ao Risco Específico
IBSA	Inventário de Busca de Sensações de Arnett
ETAA	Escala de Tipo de apego adulto
ISM	Inventário de Saúde Mental
MHI	Mental Health Inventory

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	15
2. INTRODUÇÃO.....	15
2.1 Antropologia: Ser Humano Desejante e Faltante.....	15
2.2. Paixão.....	17
2.3. Paixão Patológica.....	20
2.4. Amor.....	23
2.5 Amor Apaixonado ou Paixão Amorosa?	26
2.6. Teorias do Apego.....	28
2.6.1. John Bowlby.....	28
2.6.2 Louis Cozolino.....	30
2.7. Relações Conjugais e Extraconjugais	32
2.7.1 Da infidelidade.....	37
2.8. O estresse e os relacionamentos amorosos.....	41
2.9. A segunda metade da vida.....	43
3. OBJETIVO.....	43
3.1 Hipótese 0	44
3.2 Hipótese 1.....	44
4. MÉTODO	44
4.1 Sujeitos	44
4.2 Instrumentos	44
4.2.1 Escala de amor Apaixonado.....	45
4.2.2 Escala de tipos de apego adulto.....	45
4.2.3 Avaliação de classe social-Pelotas.....	46
4.2.4 Inventário de Saúde Mental	46
4.2.5 Escala de Alexitimia de Toronto.....	47
4.2.6 Escala de propensão ao risco específico (EPRE).....	48
4.2.7 Escala Barrat de impulsividade.....	48
4.2.8 Inventário de busca de sensações de Arnett.....	48
4.3. PROCEDIMENTOS	49
4.4. Plano de Análise Estatística.....	50
5. RESULTADOS.....	51
5.1 Características Sociodemográficas	51

6. DISCUSSÃO.....	71
7. CONCLUSÃO.....	85
REFERÊNCIAS	88
ANEXOS	99

1. APRESENTAÇÃO

A ideia deste trabalho surgiu a partir do interesse pessoal em explorar o tema da paixão, visto por mim como um fenômeno saudável ao psiquismo. Pesquisas prévias abordaram o tema, ora associando-o ao narcisismo primário, ora apontando aspectos patológicos do fenômeno, não sendo ambos os enfoques desta pesquisa.

A paixão não é aqui considerada como fenômeno prévio ao amor e muito menos como uma forma entusiástica deste último.

Este trabalho aborda a paixão que pressupõe grande investimento afetivo no outro, havendo prevalência de pulsão de vida. As pessoas casadas vivendo uma relação extraconjugal foram avaliadas por meio de componentes importantes tais como: distresse, expressão de afetos, impulsividade, propensão ao risco e busca de sensações. O conceito de amor é apresentado para esclarecer que a paixão amorosa possui uma estrutura que se diferencia das demais modalidades de amor.

A pesquisa apresenta um estudo comparativo entre pessoas casadas vivendo relação extraconjugal e pessoas casadas que não estão vivendo uma relação extraconjugal. Considera que o contrato de casamento interfere no apaixonamento.

2. INTRODUÇÃO

2.1 Antropologia: Ser Humano Desejante e Faltante

Desde seu nascimento, o homem carece da prioridade do outro em sua existência. Laplanche (1992) propõe esse confronto do infante com o mundo adulto que lhe envia mensagens impregnadas de significações sexuais inconscientes como uma situação antropológica fundamental de caráter universal, à qual todo ser humano deve se submeter para se converter em um ser pulsional.

Torezan e Aguiar (2011) definem o sujeito da psicanálise como o sujeito do desejo, determinado pelo inconsciente, instigado pela falta, diferente do ser biológico e do homem de definição filosófica. A compreensão platônica de desejo relacionado diretamente à falta foi criticada por Comte-Sponville (2001) concluiu que para Platão “o que não temos, o que não somos, o que nos falta, eis os objetos do desejo e do amor” (p. 26).

A busca da completude do ser humano é constante. No entanto, a permanência nesse estado de plenitude não é possível. Em *O Banquete*, de Platão (1964), Aristófanes relata que, nas origens da humanidade, Zeus decidiu dividir o Andrógino em duas metades, condenando-as a uma infundável caça em prol de capturar sua alma gêmea. No entanto, quando o encontro acontecia, a atração entre eles era imediata e desejavam restaurar a velha perfeição. Porém, a fusão era sempre momentânea e, assim, os encontros eram seguidos de desencontros.

Em sua obra, Freud aprofundou sua compreensão de desejo em seus diversos textos. Em um artigo a respeito da psicologia do amor intitulado "Sobre a mais geral degradação da vida amorosa" (1912/2006), Freud afirma existir algo na natureza da pulsão sexual antagônica à realização da satisfação integral. A esse respeito, em "Toten e Tabu" (1914/1996a), o mesmo autor, ao considerar as relações do sujeito com o social, ressalta que a organização do desejo ocorre por meio do estabelecimento de fronteiras com o interdito.

Na tentativa de compreender o desejo, alguns autores o relacionaram à fantasia. A respeito do binômio desejo/fantasia, Ferreira, N. P. (2004) afirma: "O desejo, ao contrário do amor, faz parte da estrutura subjetiva. Em função da marca fundamental dessa estrutura, que é uma falta radical, o homem inventou o amor e seus mitos" (p.12).

Para Aulagnier (1984), as reflexões acerca do objeto do desejo nas relações de apaixonamento adquiriram a dimensão de um objeto de prazer e necessidade. Nesse sentido, a autora observa que, nas relações passionais, o objeto do desejo para o Eu se converte numa fonte exclusiva de todo prazer e se transporta para o registro das necessidades. Portanto, o termo paixão define o vínculo que une o sujeito ao objeto do seu desejo. É uma exigência vital daquilo que preenche momentaneamente a falta existencial, considerando as necessidades e, na ausência dessas vivências, gera ansiedade e desejo de novas experiências.

Em "Mal-estar na Civilização", Freud (1996/1930) anuncia a dificuldade do homem de conviver em sociedade e atender seus desejos. Como consequência, ocorrem as transgressões e atitudes antissociais que tornam o homem inimigo da civilização. A respeito da complexidade dos desejos, Goethe (1992), em "Afinidades eletivas", apresenta a ambiguidade do amor-desejo. Haddad (2011) relata a respeito dessa ambiguidade referida por Goethe como sendo a mediadora da natureza do

homem que solicita e deseja, nomeada de imperativo moral, podendo constranger ou dignificar o homem, bem como a ânsia humana de reconhecimento amoroso.

A respeito da ambiguidade do desejo, Jorge (2010) remete à ideia de que ao trair o outro, a pessoa não trai a si, permitindo um encontro consigo mesmo que, além de colaborar para o desenvolvimento da capacidade de ficar só, abre espaço para relacionamentos psicológicos.

2.2 Paixão.

A paixão apresenta como característica principal a experiência excessiva e é difícil de ser controlada pela razão. No dicionário francês *Le Petit Robert* (1992), *Pathos* é um termo oriundo do grego antigo que significa: sofrimento, paixão.

A paixão, do latim *passio*, é proveniente dos termos gregos *paskein* e *pathos*. *Pathos*, na etimologia, tem o sentido de ser dominado por situações excessivas. Segundo Silva (2006), os gregos clássicos atribuíram relevância ao *pathos*, devido às paixões da alma se associarem ao bem-estar social e coletivo.

Como todas as situações vitais, a paixão pode, narcisicamente, levar à vivência de perda do limite pessoal e relacional, e também instalar uma vivência de enlouquecimento, portanto, patológica.

Pathos, segundo Berlinck (1997), não é associado somente ao sofrimento, mas também às palavras "paixão" e "passividade". Então é possível pensar a paixão não apenas associando-a a uma inquietude que se impõe ao sujeito e o aprisiona, mas também a uma inquietude que é dominada pelo sujeito e o liberta.

Em "Ética a Nicomaco", Aristóteles define paixão (*pathos*) como 'o que impulsiona o homem para a práxis ou ação (Aristóteles, 1984). Para ele, as paixões são todos os sentimentos que causam mudanças nas pessoas e modificam seus julgamentos. Acrescenta, ainda, que essas ações são seguidas de tristeza e de prazer, como a cólera, a piedade, o temor e todas as paixões equivalentes, bem como seus contrários.

Para Meyer (1994), o homem está aprisionado por suas paixões na caverna de suas ilusões, sendo a sua consciência a libertária de tal situação.

Lebrun (1991) alerta sobre a dificuldade de a lei moral harmonizar as paixões e enfatiza que em nome da lei só se pode reprimir tais sentimentos. O autor faz uma

leitura de Aristóteles sobre a paixão como uma tendência da natureza humana suscetível de ser educada.

Sêneca (1991), representante da doutrina estoica em Roma, parte do princípio de que todos os homens estão sujeitos às paixões que devem ser evitadas por levarem o homem ao enlouquecimento. A esse respeito afirma: “o resultado de uma cólera extrema é a insânia, e por isso há que evitar a cólera, não tanto por obediência à moderação, como para conservar a sanidade mental” (Carta 18, 15). Acrescenta que bem como repelir as paixões, o homem deve condenar principalmente os prazeres por incorrerem em dor e sofrimento (Sobre a vida feliz, IV, 4), tratando-os como os “piores inimigos” (Carta 51, 13). O homem, como ser de razão, deve se adequar a sua natureza. Sêneca, acerca de como lidar com as paixões, relembra considerar mais fácil impedir que elas se originem do que dominar seus consequentes ardores (Carta 85, 9). É, então, mais fácil não se arriscar em uma paixão. É preciso ter em conta que o prazer foi ofertado pela natureza apenas para tornar os homens mais agradáveis àquelas coisas sem as quais seria impossível a existência (Carta 116, 3). Para ele, a alma apresenta duas naturezas: uma irracional e outra racional (Carta 92, 1). Portanto, uma natureza considerada ‘inferior’ tem o domínio dos instintos e das paixões e outra, ‘superior’, caracterizada pelo domínio da razão. Ressalta as consequências do descontrole dos sentimentos e das paixões, acreditando que essas caracterizam obstáculos aos *logos* por serem irracionais e nocivas ao homem.

As personagens de Sêneca apresentam como característica conflitos em suas subjetividades, tendo como tônica a luta entre a razão e a paixão. Sêneca (1985), em Medeia, ilustra, com o comportamento da personagem, que a pessoa dominada pelas paixões se torna enferma. A descrição da ama comprova a constatação:

Assim como uma mênade tomada pelo delírio divino, quando o deus, que a possui, já lhe tirou a razão, erra doidamente no cume do nervoso Pindo ou nos montes de Nisa, assim ela corre com passo louco, levando no rosto todos os sinais da furiosa demência. Suas faces são inflamadas; sua respiração é ofegante. Grita; [...] não há nenhuma paixão que ela não experimente. [...]. Onde irá cair o peso de seu ódio; onde irão parar suas ameaças; onde se quebrantará esta agitação? Seu furor transborda. Não é um crime comum nem medíocre o que ela está meditando: ela vai superar a si mesma, pois eu conheço os sinais de suas precedentes cóleras. Alguma coisa de grandioso se está preparando: alguma coisa atroz, inumana, ímpia. Vejo o indício do furor. (1985 p. 381)

Os estoicos não acreditavam que a paixão colaboraria para um aprimoramento pessoal. Assim, as paixões deveriam ser evitadas por se tratarem de

doenças, pensamento contrário ao aristotélico, que torna a paixão como aliada e proveitosa. Elas são, acima de tudo, constitutivas do homem, portanto, esse último deve integrá-las à sua existência.

A literatura apresenta casos de apaixonados que enfrentaram barreiras e que se arriscaram ao viver seus romances, tais como: Romeu e Julieta (Shakespeare), Tristão e Isolda (Richard Wagner), Anne Karênina e Alexis Vronski (Tolstoi), Simão e Teresa (Camilo Castelo Branco). Todos os casos citados foram pautados por situações em que os casais se arriscaram para viver suas paixões.

Em sua obra, Freud (1914/1996b) articula o conceito de paixão ao de sexualidade e utiliza as palavras amor, paixão e enamoramento indistintamente. Em “Introdução ao Narcisismo” (1914/1996b) e em “Psicologia das massas e análise do eu” (1996/1921), Freud utiliza o termo alemão *Verliebtheit* para se referir à paixão, traduzindo-o também por enamoramento, estar apaixonado, estar amando, estado de fascinação e relação amorosa. Assim, explica a paixão pelo narcisismo primário, vivido nas experiências infantis precoces, nas quais a criança, ao buscar uma relação na vida adulta, revive a relação primária com as figuras parentais. Para o autor, estar apaixonado significa investir toda sua libido em um único objeto, elevando-o ao objeto sexual ideal. Assim, a fonte da vida amorosa está na fixação da ternura que a criança sentia em relação a sua mãe (objeto de amor original). Estar apaixonado consiste num fluir da libido do ego em direção ao objeto. Tem o poder de remover as repressões e de reinstalar as perversões. Visto que, com o tipo objetual (ou tipo de ligação), o estar apaixonado ocorre em virtude da realização das condições infantis para amar, é possível dizer que qualquer coisa que satisfaça essa condição é idealizada. Para Freud (1914/1996a), na paixão amorosa, revive-se a ilusão da completude narcísica infantil que tornava a mãe tudo para a criança, e vice-versa. O apaixonado projeta sobre o objeto de sua paixão, as idealizações narcísicas de sua infância com a ilusão de que pode encontrar nesse objeto tudo o que lhe falta.

Sternberg (1986) afirmou ser a paixão uma união com grande excitação em que as pessoas possuem a atração física e sexual, vontade de estarem juntas e viverem o romance. Para o autor, “Decisão/Compromisso”, por sua vez, está relacionado à decisão de amar e à vontade de que a relação se mantenha por longo prazo.

Para Barros e Silva (2002), a força transgressora da paixão não passa de um ir que nunca chega, nem ao menos permanece onde quer chegar. Hendrick e Hendrick (2006) e Marazziti e Baroni (2012) conceituam do ato de se apaixonar como uma condição de vida estressante e concluem que o amor apaixonado está relacionado a uma experiência de tempestade emocional.

Assumpção (2017) enfatiza o viés interpretativo do conceito de paixão que é habitualmente aliado a situações de degenerescência e amoralidade, deixando de ser vivenciado como uma celebração dionisíaca da vida que permite ao indivíduo a constatação e aceitação da finitude pessoal e relacional. Considera que a paixão pode ser descrita como um fenômeno de atração e fascínio iniciado de um encantamento mágico que, a partir do encontro amoroso de cunho erótico, sofre uma metamorfose. Os êxtases vivenciados nesse encontro inserem o casal apaixonado em um mistério a ser desvendado pelos próximos encontros apaixonados.

2.3. Paixão Patológica

A maioria dos artigos descreveu a paixão associando-a ora à psicopatologia do elo amoroso, ora à vivência narcísica.

Em 1920, depois de reiteradas reformulações do conceito de repetição, Freud o retoma em “Além do princípio do prazer”. Nesse texto, explica que a repetição se alimenta da pulsão de morte. A partir dessa mudança de eixo, ela passou a ser definida como um processo inconsciente impossível de dominar, que obriga o sujeito a reproduzir sequências de atos, ideias e pensamentos que, em sua origem, foram causadoras de sofrimento e guardavam esse caráter doloroso.

Green (1974), a respeito da patologia do elo amoroso, apresenta a necessidade voraz do apaixonado de estabelecer relação com um mau objeto interno, o que justificaria a manutenção de uma relação amorosa com um objeto inacessível. A respeito da loucura vivida na paixão, Green (1980/1988) relaciona diretamente a intensidade da paixão e a ligação com objetos que tenham origens na sexualidade infantil. Os objetos da paixão são vividos ora com os objetos parciais (desorganizados psiquicamente), ora com os inteiros (integrados psiquicamente). As paixões narcísicas retomam ansiedades “primitivas/arcaicas” e não há diferenciação entre o ego e o objeto. Portanto, amor e ódio são vividos em concomitância. A

respeito dessa vivência o autor afirma: “São paixões no sentido restrito do termo, isto é, amores que são dolorosos, a ponto de termos que defender nosso self deles com um sacrifício alienante.” (p.238)

Em algumas relações passionais, segundo Aulagnier (1984), o objeto do desejo para o apaixonado torna o objeto de sua paixão possuidor de todo prazer, reconfigurando-o como objeto de suas necessidades. Ao refletir a paixão nesses termos, o objeto da paixão passa a ser exigência vital daquilo que não pode faltar. Aulagnier (1985) explica que, em mulheres, a atração exercida pela paixão pode lhe servir de entrada no registro perverso. Nesse caso, remete-se diretamente à perversão do desejo.

Defontaine (1995) disserta a respeito da “patologia do elo amoroso” em relações pautadas pela repetição de vivências passadas. Segundo o autor, essa relação reproduz uma ligação objetal primária (figuras parentais) sustentada no negativo (pulsão de morte) e que inviabiliza qualquer outra ligação (vínculo emocional). Tal conduta amorosa tem como característica primordial grande tempestade emocional. A repetição concerne a uma patologia da ligação primária (com os pais), na qual há repetição com um ou com diversos objetos, estabelecendo uma relação de sedução seguida de rejeição que leva o apaixonado patológico a reviver a ferida narcísica (desamparo primordial). Para o autor, há uma tentativa de domínio da situação traumática original (abandono dos pais infantis) reatualizada continuamente. Procura-se transformar ativamente o trauma vivido de maneira passiva.

A paixão, enquanto uma forma patológica da vida amorosa caracterizada pela impossibilidade de coexistência das duas subjetividades, foi compreendida por Rocha (2002) como uma perversão do amor e pelos autores Barros e Silva (2002) como uma emoção que domina o sujeito, podendo chegar ao excesso de uma transgressão ou de uma perversão.

Para Gori (2004), a alienação de si mesmo, atrelada ao aprisionamento psíquico, ao objeto de desejo, configura a dimensão psicopatológica da paixão que, em psicanálise, está estreitamente vinculada ao conceito de narcisismo. A paixão é caracterizada por um despojar-se de tudo em benefício do objeto, falir, desvencilhar-se de apoios narcísicos e do ter que são fenômenos constantes observados na ‘psicopatologia’ da vida amorosa. Para ela, a paixão não é “desrazão”, nem pode ser referenciada por uma lógica racional. Assim, o sujeito capturado pela paixão se

apresenta a si próprio e aos espectadores como despossuído de si mesmo, sem domínio de seus pensamentos nem de seus atos. Inebriado e aprisionado ao objeto, o apaixonado é capaz de se fechar para o mundo externo, recolhendo-se em sua fantasia.

O tema da paixão patológica foi abordado por Neri (2007) que, ao pesquisar “amor bandido”, avaliou a paixão que pode levar à transgressão e ao descontrole dos crimes passionais. Para a autora, o “amor bandido”, recorrente na mídia e vinculado ao tema da paixão, aponta para a exaltação emocional intensa que toma a forma de uma compulsão e pode conduzir a uma violenta passagem ao ato criminal. O “amor bandido” se apresenta como uma estrutura aditiva e conduz o sujeito à servidão. Ele revela uma angústia diante do desamparo primordial. A tentativa de encontrar um outro a quem se entregar, se oferecer em uma situação de submissão, revela, por um lado, uma saída desesperada para evitar o desamparo e, por outro, o temor de uma vivência de devastação diante da possibilidade de perdê-lo. Para o autor, quando se avalia a paixão como perversão, não se está mais na ordem do desejo, mas na ordem da necessidade, ou seja, da ânsia de fazer perdurar a relação arcaica de fusão e de submissão às figuras parentais tidas como onipotentes. Para a autora, se o objeto da paixão é necessário, a relação revela seu caráter imperioso, próximo às relações aditivas, tornando o objeto insubstituível, conseqüentemente, sua perda implicaria o aniquilamento do sujeito.

A respeito da paixão obsessiva, no artigo titulado “O enigma das paixões e suas vicissitudes amorosas”, Muribeca (2013) compreende que a paixão obsessiva enlouquece o indivíduo ao transferir para a pessoa com quem se relaciona o termômetro de seu humor e de sua valorização. Portanto, não se vê dois e, sim, apenas um só em função do processo de descaracterização do outro que se torna um apêndice do desejo de quem se apaixona obsessivamente. A partir disso, ocorre uma espécie de coisificação por meio da transformação do outro em um simples objeto de desejo. Assim, a autora nos conta de uma paixão que pressupõe fusão com a subjetividade do outro, não restando espaço para uma das subjetividades, naturalmente comprometedor da saúde psíquica, enfim, patológica.

2.4. Amor

O amor, apesar das dificuldades de conceituação do fenômeno, é expresso de maneira individualizada, sendo inviável sua padronização além de ser extremamente importante para o desenvolvimento do ser humano. O conceito foi adquirindo inúmeras versões, principalmente quando compreendido histórica e culturalmente, mesmo porque tudo que é percebido como uma manifestação de intimidade ou de amor varia de acordo com o espaço e o tempo nos quais o fenômeno ocorre.

Para Vincent (2005), o amor é um conceito universal presente em todas as culturas conhecidas. Assim, é considerado pelo autor como uma característica da espécie humana. Está impresso em diversos modelos de relacionamento. A intimidade com outras pessoas, para alguns autores como Davidoff (1983) e Bytronski (1995), tem como grandes expoentes o amor e a paixão. Enfim, o amor para os autores pode se configurar como o aspecto mais gratificante da vida. Tem como característica principal e distinguidora da paixão, o equilíbrio que se contrapõe aos excessos característicos do apaixonamento. Em *O Banquete*, Platão (1964) enfatiza o amor sexual que transcende a existência humana, sendo tomado como sagrado. É associado ao bem, à beleza e à sabedoria regulamentados pelo mundo das ideias. Segundo Guttman (2009), alguns estudiosos concordam com a ideia de que *O Banquete* pode ser considerado matriz de todos os discursos ocidentais a respeito do amor.

Fromm (1956/1991), a exemplo de outros autores, relata a existência de dois tipos de amor romântico que os nomeia de: o "verdadeiro amor" e o "falso amor". O "verdadeiro amor" ou "amor maduro" é caracterizado por cuidado, responsabilidade, respeito, conhecimento e permite a preservação da integridade e individualidade. Em outro extremo, o "falso amor" é fundamentado em submissão, passividade acrescida de contornos neuróticos. Esse último conduz o desejo da pessoa a uma união simbiótica, na qual evitaria a frustração proveniente do sentimento de isolamento e separação, procurando fundir-se a outra pessoa. Essa submissão levaria a uma dependência e a uma falta de integridade.

Jean Paul Sartre (1905 – 1980) acreditava que o ser humano poderia, a cada momento, escolher o que faria de sua vida, sem um destino previamente concebido

– acreditava que o amor estaria destinado ao fracasso. Para Sartre (1943/2011), o amor complementar levaria à decepção e seria conflituoso, pois ambos teriam que ser o tudo, o infinito e exigiriam isso um do outro, apesar de não existirem dois infinitos. Tais constatações levam o autor a referir o amor como um "ideal irrealizável", uma vez que os envolvidos esperam algo impossível das pessoas que amam. Os amantes são atraídos pela liberdade e independência que detectam no parceiro, mas ficam tão amedrontados que tentam privá-los desses atributos quando estabelecem uma relação amorosa.

Segundo Araújo (2002), as concepções ideais de amor se mantêm no Cristianismo, preservando o conceito com um *status* idealizado e que, submetido a preceitos de fé, transcende a vida pela filiação divina comum. Quando ligado ao divino, busca asseguramento da salvação e o paraíso aos sujeitos. O amor tem como fim a propagação dos filhos de Deus pela constituição da família. Não é, em hipótese alguma, um meio para os homens adquirirem realização existencial. Ao contrário da paixão, desvia os homens dos bons costumes que mantêm a conjugalidade.

O amor cortês despontou com os trovadores medievais, no século XII, deixando marcas no repertório ocidental das diversas possibilidades de sua expressão e de sua vivência. Para Araújo (2002), o amor cortês e, portanto, adúltero jamais implicava o casamento dos amantes. Mello (1992) complementa essa ideia ao afirmar que esse amor cortês não resulta de afinidades psicológicas ou de um profundo reconhecimento afetivo. O 'amor de corte' carrega dois personagens importantes que configuram o cenário: um deles o "amador" e o outro a "dama". O primeiro possui uma paixão incontrolável e a segunda, alvo dessa paixão, é idealizada, portanto, inatingível. Essa cena dramática pode ter como encerramento o sofrimento e algumas vezes a morte. Ao falar de seu amor, o trovador já traía a sua dama e assim não havia outra descrição para o amor cortês, concebendo-o como transgressivo e inviável. Tinha mesmo de ser, somente, contado em poesia. Para o autor, ao considerar o casamento com a característica da submissão do feminino pelo masculino, o amor cortês não poderia se inscrever no contrato matrimonial, pois perderia sua característica descritiva. Ao contrário desse amor cortês, caracterizado pela sujeição do poeta à dama e que deveria manter-se no plano das ideias por ser considerado transgressor, está o amor do matrimônio, calmo e companheiro que é regulamentado e estimulado pela sociedade.

Segundo Barros (2008), o amor cortês se encontra num mundo de contradições. É incompatível com o casamento, compreendido pelo autor como o matrimônio oficializado e público guiado pelos interesses familiares e políticos. O objetivo do matrimônio era, acima de tudo, deixar herança do patrimônio feudal para o filho. Tinha como premissa uma mulher submissa e sujeita ao marido. O autor acrescenta que atrelar a escolha amorosa aos interesses sociais e materiais configurava traição aos ditames da paixão. Por isso, uma famosa 'corte do amor', julgamento teatralizado que se findava com o veredito das damas a respeito de questões relacionadas a situações amorosas propostas pelos trovadores, condenava, explicitamente, o casamento por não estar relacionado ao amor. Assim, a morte era um dos caminhos possíveis perante a impossibilidade de o amante do 'amor cortês' estar com sua amada.

A idealização de um 'amor cortês', cujo combustível é somente a contemplação da dama, inviabiliza qualquer encontro amoroso em sociedade. Configura uma paixão clandestina e transgressora, e, portanto, estaria fadado, nos parâmetros sociais, à morte. Para Barros (2008), alguns dos tradicionais paradoxos do 'amor cortês' são expressos pelo confronto do casamento socialmente condicionado ao 'verdadeiro amor'. Assim, o autor cita a passagem que confirma a inviabilidade da conexão da 'corte de amor do século XII' ao casamento que, para ele, não está relacionado em nada ao amor:

[...] pelo teor dos presentes, afirmamos e sustentamos que o amor não pode estender seus direitos entre marido e mulher. Os amantes tudo se dão, recíproca e gratuitamente, sem nenhuma obrigação de necessidade, enquanto os esposos são obrigados, por dever, a aceitar as vontades um do outro. Que este julgamento que proferimos com extrema maturidade, após audiência de várias damas da nobreza, seja tido como verdade constante e irrefutável.' Pronunciado no ano de 1174, terceiro das calendas de maio, indicação VII (Julgamento da Condessa de Champagne, citado por Rougemont, p.229, 1988)

Costa (1988) considera conceito de amor uma crença emocional que "pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. Nenhum dos seus constituintes afetivos é fixo por natureza" (p.12).

Sternberg (1995) afirma que as histórias construídas e contadas sobre o amor estão escritas em uma matriz cultural. São consideradas únicas e pertencentes a um lugar e época específicos regulados por uma função social. Para Priore (2006), grande parte das pessoas não consegue viver a plenitude do amor em função da

idealização que se faz dele. O conceito de plenitude do amor, mencionado pelo esse autor, se assimila à paixão narcísica descrita por Freud (1914/1996b).

Costa (1999) aponta Denis de Rougemont como o predecessor do amor-paixão romântico, principalmente pelo aspecto de culto ao sofrimento. Rougemont (1988) refere uma conceituação de amor do homem que se manifesta impotente e infeliz quando assolado por tal emoção.

A respeito do amor romântico, Johnson (1987) afirma que o homem deseja ser possuído pelo amor. Para ele, as pessoas buscam a sensação de plenitude que, se não é vivenciada com o outro, leva à angústia, ao desespero, sendo, por vezes, a morte encarada como solução. Cavalcante (2005) corrobora as ideias de Johnson a respeito do binômio amor e morte que remetem à criação e à destruição e ressalta a íntima ligação de ambos em toda experiência humana, tecendo a trama do amor humano. Tanatos, para esse autor, está sempre à sombra do amor, sendo assim, o lado trágico da vida enriquece a experiência amorosa.

Bataille (1957/1987) reverencia tal ideia ao afirmar “o amor não é ou é em nós, como a morte, um movimento de perda rápida, resvalando depressa para a tragédia, não se detendo senão na morte” (p.223). Portanto, o amor e a morte são para o autor considerados sentimentos da impossibilidade de ser, e quando não correspondidos estão fadados ao encontro tanático.

São muitos os que teorizaram o amor, no entanto, por ter estatuto de universalidade carece de linearidade conceitual. Almeida e Mayor (2006) refletem a respeito das dúvidas que permeiam o conceito e afirmam que, em função das dificuldades de definição, o amor tornou-se praticamente uma performance no cotidiano das pessoas.

2.5. Amor Apaixonado ou Paixão Amorosa?

A compreensão da paixão deve, necessariamente, levar em consideração os conceitos de amor, já explorados e considerados pelos estudiosos do assunto como um fenômeno encontrado em todas as culturas, portanto, universal.

A pluralização do uso da palavra amor (amor de pai, pelos bens materiais...) ramificou o conceito primário, atribuindo-lhe predicados e, portanto, significados diversos.

As paixões, apesar do movimento semelhante de pluralização do conceito, mantêm imutável sua característica descritiva principal: o excesso. Tal fato facilita o interjogo com outros predicados que não modificam o conceito primário.

Para Silva (2002), a paixão amorosa é qualificada como emoção intensa e invasiva e leva ao descontrole. Apesar da inviabilidade de correlação entre amor e paixão amorosa, ambos são comparados, embora a paixão seja minimizada se excluída de um registro trágico, ou como afirma Lewis (2012), ‘uma loucura trágica’.

Para Assumpção (2017), a paixão amorosa é associada, rotineiramente, a aspectos da degenerescência, da amoralidade e do sofrimento, apesar de remeter à celebração dionisíaca da vida que permite ao homem vivenciar os limites pessoal e relacional, pois nem sempre se tem o outro disponível ao encontro apaixonado. Essa paixão, como qualquer processo subjetivo da vida adulta, leva o homem a acessar a finitude dos relacionamentos e da própria vida.

Aulagnier (1985), a respeito da diferença qualitativa dos fenômenos do amor e do apaixonamento, definiu o primeiro como uma relação simétrica e recíproca com ilusão de partilha e o segundo como protótipo da relação assimétrica, portanto, não compartilhada, sendo a vivência da paixão permeada por sofrimento.

Lejarraga (2003) define a paixão amorosa como um estado fora do comum em que há um investimento exclusivo no objeto amado. Existe, ainda, uma concentração de pensamentos e imagens no objeto. O outro, para a autora, torna-se pleno e completo, idealizando a possibilidade de o objeto proporcionar a completude. Quando a paixão amorosa é correspondida, vive-se imaginariamente a plenitude, ou melhor, a sensação da onipotência narcísica restaurada, já relatada por Freud (1914/1996b). Mas a ausência ou separação do objeto da paixão não permite substitutos, levando à inevitável desolação pulsional.

Para a mesma autora, no amor inscrito no ideal do eu, o objeto ocupa um lugar privilegiado como fonte de prazer, permitindo outros investimentos, sem uma concentração desejante na figura do amado. Esse amor, por contemplar o outro autônomo, aceita a experiência de decepção e se conforma com a incompletude. Diferencia-se da paixão definida pela autora em que o outro é somente imagem especular. O amor, atenuado em seu prazer absoluto, assolado pelo recalque e de longa trajetória de construção, mitiga a aspiração narcísica e não é vivido como uma irrupção.

Lejarraga (2003) descreve a paixão como é vista e vivida no período da adolescência, momento em que a pessoa, pela dificuldade de enfrentar a conflitiva inevitável para sua continuidade existencial, tal qual Narciso em “Mito de Narciso” (43 a.C.-18 d.C.), que se refugia no outro que não é “outro” e sim “espelho de si”, para se encerrar no conhecido e remediar o inebrioso destino de se aventurar no desconhecido “outro”.

Guiddens (1993) descreve que o "amor apaixonado" tem como marca expressiva uma urgência que deixa de lado as conflitantes rotinas da vida cotidiana. O autor se remete ao encantamento do amor apaixonado como semelhante ao encantamento religioso em seu fervor. Considera que aquele pode ser perigoso, por ser perturbador das relações pessoais. Em função desse viés de sua caracterização perturbadora não pode ser considerado pilar ou base estrutural do casamento. O amor romântico que implica atração instantânea tem que ser separado das compulsões sexuais/ eróticas do amor apaixonado.

Hatfield e Sprecher (1988) abordam o amor apaixonado que se manifesta nas relações românticas como um estado intenso de desejo de união com o outro, incluindo estimativa ou apreciações, sentimentos subjetivos, processos fisiológicos padronizados, tendência à ação e comportamentos instrumentais. As autoras se remetem a um amor recíproco (união com o outro) associado ao preenchimento e ao êxtase. Assim, quando o amor é não correspondido (ou uma separação) associa-se ao vazio, à ansiedade e ao desespero.

2.6. Teoria do Apego

2.6.1. John Bowlby

Bowlby (1969-1990), psicanalista inglês, descreveu a importância das primeiras relações para o desenvolvimento e formulou, desse modo, a teoria do apego, quando descreveu as relações do bebê com sua mãe ou cuidador(a), desde o nascimento até os seis anos de idade. Para o autor, o ser humano herda um potencial para desenvolver determinados tipos de sistemas comportamentais, como sugar, sorrir, chorar e seguir com os olhos. A conduta instintiva é o resultado do controle desses sistemas comportamentais integrados que funcionam num determinado ambiente de adaptabilidade evolutiva, em especial, na interação com a

principal figura desse ambiente: a mãe. Acredita que há uma pulsão de apego, ou seja, um impulso primário de apego a outros seres humanos. O comportamento de apego é uma tendência que não resulta da relação oral com a mãe (amamentação). Para ele as crianças respondem com facilidade aos impulsos sociais e logo interagem com os outros. O apego a uma pessoa aumenta se o bebê sente uma interação com o adulto. Nessa perspectiva, o vínculo da criança com a mãe, chamado por ele de apego, tem uma função biológica que lhe é específica e é o produto da atividade desses sistemas comportamentais que têm a proximidade com a mãe como resultado previsível. O comportamento de apego manifesta-se nos dois primeiros anos de vida e os comportamentos de sucção, de abraço, de choro, de sorriso, a tendência de ir para o adulto e apegar-se a ele aparecem sucessivamente. Portanto, ao longo do desenvolvimento, a criança passa a revelar um comportamento de apego que é facilmente observado e que evidencia a formação de uma relação afetiva com as principais figuras desse ambiente. Nessa formulação não há referência às necessidades fisiológicas e aos impulsos. Sustenta-se ainda que o ato de nutrir desempenha um papel apenas secundário no desenvolvimento desses sistemas comportamentais. Dessa forma, torna-se claro que, para Bowlby, a formação do apego não é uma consequência da satisfação das necessidades fisiológicas básicas como postula Freud (Brum & Schermann, 2004).

Segundo Bowlby (1989), o relacionamento com figuras relevantes durante o desenvolvimento permite a construção de um modelo de apego com características importantes: o status primário e função biológica dos laços emocionais íntimos entre indivíduos; a influência do cuidado dos pais, mais especificamente, cuidado materno; recorreram à teoria do desenvolvimento e não às teorias que invocam fases específicas, nas quais uma pessoa torna-se fixada ou pode reviver essa fase. O apego é compreendido como o vínculo entre o indivíduo e seu cuidador primordial, estabelecido no começo da vida (Bowlby, 1979). Ainsworth et al. (1978) descreveram, a partir dos experimentos na Uganda com a díade mãe-bebê, três estilos de apego: seguro, inseguro evitativo e inseguro ansioso/ambivalente. A respeito dos modelos de apego, Bowlby (1989) afirma:

(a) Modelo de apego de base segura: é caracterizado por um sentimento de extrema confiança do bebê no cuidador para suprir suas necessidades, por meio de respostas amáveis, protetoras e encorajadoras. O bebê pode, a partir do

estabelecimento desse padrão de apego, sentir-se mais seguro para explorar o mundo ao seu redor.

(b) Modelo de apego ansioso-ambivalente: tem como característica principal a insegurança e a dificuldade em função da disponibilidade do cuidador em estabelecer vínculos seguros. Apresenta, assim, sentimentos de ansiedade em relação às figuras de apego e um comportamento de ambivalência caracterizado por raiva e culpa, primordialmente. A insegurança desperta na criança sensações de abandono e uma forte ansiedade frente à ambiguidade do afeto do cuidador.

(c) Modelo de apego evitativo; tem como característica primordial a falta de confiança a respeito da presença e proteção do cuidador. A criança, por viver a rejeição, desenvolve relações de apego vividas paradoxalmente ora de maneira aversiva, ora de maneira desejável.

Para Bowlby (citado por Dittmers, 2005), a Teoria do Apego aponta a importância do vínculo inicial da criança com sua mãe, discutindo os comportamentos de apego em termos de relações objetais. A criança que tem, a partir da primeira relação, uma experiência de um modelo seguro de apego, desenvolverá expectativas positivas em relação ao mundo, acreditando nas possibilidades de satisfação de suas necessidades. No entanto, se o modelo apresentado não for seguro, a criança poderá desenvolver, em relação ao mundo, expectativas menos positivas. Os autores Shaver, Hazan e Bradshaw (1988), ao avaliarem a relação entre os estilos de apego e os de amor romântico na vida adulta, concluíram que os indivíduos com estilo de apego seguro, por considerarem o amor como positivo e amigo, podem lidar saudavelmente com a distância do parceiro.

2.6.2 Louis Cozolino

A teoria do apego abordada por Cozolino (2014) passa a referir-se a padrões de autorregulação dos afetos. Compreende-se por regulação emocional o processo intra e extra organismo, no qual há um redirecionamento do estado de excitação emocional que é assim modulado a viabilizar o funcionamento adaptativo em situações que incitem estados de excitação emocional. Partindo do princípio que o bebê não é um ser passivo no mundo, ou melhor, carece do outro da mesma espécie para sobrevivência, a interação com os cuidadores primários apresenta-se essencial no desenvolvimento de um apego seguro. Ademais, neste contato são

adquiridos os modelos operacionais internos, ou melhor, as regras de funcionamento do cérebro humano.

Para Cozolino (2002), no intervalo dos 12 aos 18 meses, a codificação das estratégias de sobrevivência e resiliência se estabelece estável nos circuitos neuronais instalando, portanto, o significado psicológico definitivo. Em situações de estresse há o estabelecimento de um apego seguro que permite ao indivíduo enfrentamento estável e seguro. Além disso, é considerado um estilo relacional mais efetivo para a permitir assim o amadurecimento e flexibilidade do córtex pré-frontal. Com isso, qualquer resposta amorosa das figuras parentais do seu bebê ativa, automaticamente, os processamentos emocionais dos seus circuitos neuronais, propiciando sensações de segurança e de confiança. As repetidas experiências estabelecem padrões de respostas flexíveis viabilizando a constituição de um modelo no cérebro que favoreceu o aprendizado e o enfrentamento de situações ao longo da vida. Portanto, a base segura de flexibilidade neural é consequência do estabelecimento de um apego seguro, que viabilizará novos aprendizados.

Para Shore (2002) tais modelos operacionais internos resultantes das relações de apego com as figuras primárias são armazenados no hemisfério direito e permitem a codificação das estratégias de regulação de afetos que se estabelecem como guias inconscientes do indivíduo em seus relacionamentos pessoais.

Cozolino (2014) compreende o cérebro como um órgão social. A capacidade de organizar as emoções, vividas nas relações primárias, é que vai determinar a capacidade da mente de integração e adaptação das experiências, para, assim, lidar de maneira satisfatória com os estímulos estressores. Ao afirmar que os apegos seguros permitem melhor regulação das emoções, o indivíduo aumenta e aprimora a capacidade em lidar melhor com seus impulsos. Um controle mais prático dos impulsos permite à pessoa se destacar dos cuidadores e ter um centro de regulação. Tal fato instiga a constatação de que opostamente à psicanálise, teoria do desejo inalcançável, encontra-se aqui um ser humano autônomo que nasce com possibilidade de buscar apego

2.7. Relações Conjugais e Extraconjugais

Ferreira, A.B. (2004) define o vocábulo ‘Casamento’ no “Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa”: “ato solene de união entre duas pessoas de sexos diferentes, capazes e habilitadas, com legitimação religiosa e, ou, civil”.

Segundo Araújo (2002), até o século V, a união dos casais e a celebração das núpcias não sofriam interferência do clero. Somente por volta do século XII, o clero incorpora o casamento para impedir a desorganização dos libertinos. O casamento se configurava como um ato privado, ocorrido entre os nobres, tendo como função a transmissão da herança, de títulos e a formação de alianças políticas. Escolha e paixão não pesavam nessas decisões. Muito tempo se passou para que as paixões tivessem alguma importância nas decisões matrimoniais, levando em consideração os ideais de condenação plena do desejo e do prazer. O objetivo maior do matrimônio era a continuidade da família por meio da procriação, independente do prazer. O casamento não pretendia em seu cerne ofertar ao homem um deleite de seus desejos eróticos, ao contrário, objetivava o controle dos mesmos para garantia de ordem e segurança. A passagem de Paulo, na Epístola aos Coríntios (I Cor., VII, 1) citada por Vainfas, (1986), confirma a constatação da inviabilidade de atendimento de desejos e a obtenção de prazer no casamento: “...*melhor casar do que arder...ou melhor, melhor casar do que deixar o desejo no comando do homem...*”(p.90). A igreja sacralizou o casamento em torno do século XII e a normatização da moral cristã instituiu o sacramento do matrimônio tornando-o monogâmico e indissolúvel um século depois.

Rüdiger (2012) relata em sua pesquisa que, ao longo da história, o casamento teve motivações alheias ao amor e com o passar do tempo, com o advento da era burguesa, tornou-se, para a mulher, sinônimo de estabilidade econômica e, para o homem, a sustentação da fantasia de exercer o poder patriarcal. Prost e Vincent (1992) acrescentam: “o amor entre os cônjuges devia ser considerado um segredo, de tal forma contrariava o código de civilidade” (p. 293). Resumindo, um bom casamento no século XX era composto pelo casal: homem provedor, a mulher domesticada.

Com relação aos papéis dos cônjuges no matrimônio, Canezin (2007), em seu artigo “A mulher e o casamento: da submissão à emancipação”, ao discutir o papel da mulher no casamento, mencionou que

“a legislação civil manteve, através do revogado código de 1916, até 2002, a discriminação da mulher perante a família e a sociedade, onde comparecia apenas como mãe cumpridora de deveres e obrigações que a lei lhe impunha, com a doce submissão que dela se esperava.”

Segundo essa autora, duas leis foram essenciais ao reconhecimento de direitos plenos à mulher na sociedade conjugal: a Lei 4.121, de 1962 – Estatuto da Mulher Casada; e a Lei 6.515, de 1977 – Lei do Divórcio, que erradicavam todas as regras que discriminavam a mulher. Assim, a igualdade absoluta foi consagrada pela Constituição Federal de 1988, e hoje normatizada no Novo Código Civil.

A família contemporânea, para Canezin (2007), tornou-se uma possibilidade de conforto e refúgio em função da conquista de autonomia plena da mulher para escolher e decidir sobre sua vida amorosa ou profissional.

De acordo com Levy e Gomes (2011), na relação conjugal o mundo interno de cada um é reencenado, sendo que necessidades e ansiedades se expressam na expectativa de respostas e soluções. Para as autoras, as fantasias inconscientes de cada membro do casal a respeito do funcionamento da conjugalidade possibilitam responder às necessidades do outro, assim como ter as suas igualmente atendidas.

Feres-Carneiro (1998) alerta sobre o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. Afinal, para a autora, a dificuldade de ser casal jaz no fato de que com o casamento se estabelece uma condição a três, sendo duas individualidades e uma conjugalidade. O fato de “tornar-se um” ou de passar a ter uma “identidade conjugal” desconstrói sua individualidade e exige uma nova configuração que será estabelecida nos limites contratuais. A única saída mais saudável em uma avaliação consciente é “aceitar” as regras matrimoniais e obter prazer, o que será para sempre.

A esse respeito, Feres-Carneiro (1998) menciona Berger e Kellner (1970) por denominarem o casamento como um ato dramático, no qual dois estranhos com passados individuais diferentes se encontram e se redefinem. Assim, o drama do ato é internamente antecipado e socialmente legitimado muito antes de ele acontecer na biografia dos indivíduos, sendo que a reconstrução do mundo no casamento ocorre no discurso. Com isso, os parceiros confirmam e reconfirmam a realidade objetiva internalizada por eles e para isso precisam reconstruir a realidade passada e aceitar

uma realidade acordada para o casal. Importante lembrar que a reconstrução do passado de ambos vem carregada de imagens transgeracionais que participarão ativamente como fantasmas que rodeiam essa nova identidade conjugal. Como todo fantasma, traz aflições, dúvidas, ansiedades e até paranoia.

Para Bruckner (2011), na contemporaneidade, a expectativa de amor perfeito, ideal, impede as relações conjugais. Afinal, para o autor, a busca do sublime nos distancia da vivência das paixões e nos torna “robôs afoitos à procura de algo inencontrável”. Para ele há um solapamento dos sentimentos em função dos contratos sociais, ideia que será abordada neste trabalho. O autor reforça que as paixões são antídoto para a angústia diante do inatingível. O amor paixão torna-se breve e fugidio, ideia que vai ao encontro da paixão que será aqui defendida, pois se manifesta breve, intensa e plena, enquanto perdura. Assim, os êxtases estrondosos típicos da paixão devem ser substituídos pela harmonia e regularidade encontradas no amor companheiro nomeado pelo mesmo autor como “amor suave”, encontrado no casamento.

No artigo ‘Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade’, Terezinha Féres-Carneiro (1998) cita os autores Berger e Kellner (1970) que, com relação à importância institucional do casamento, relembram que Durkheim o considera lugar-comum da sociologia familiar, oferecendo proteção à anomia da pessoa. O casamento, ao ofertar uma função social ao indivíduo, proporciona a experiência de ordem e sentido àquele que casa. Os autores acrescentam que o matrimônio propicia, assim, um lugar privilegiado em meio às relações significativas da sociedade. Considerado instituição monogâmica, não permite a vivência poligâmica e transgressora, características do desejo humano, impedindo, assim, o atendimento da demanda libidinal. Apesar de sua significativa função econômica e social, se mantém como zona de segurança psicológica. Por não manter os êxtases possibilitados pelo apaixonamento em função de seu objetivo de estabilidade, pode desmotivar os envolvidos, que acabam por buscar relacionamentos extraconjugais para viver o excesso característico da paixão inviabilizada pelos contratos.

Na contemporaneidade, diversos conceitos de rígida tradição na sociedade têm sido questionados e criticados pelas novas gerações. Tal fato ocorre em função da desenfreada e conflitante busca de individuação, mencionada pelos autores Rossi (2003) e Marodin (1997), em que a felicidade se encontra diretamente

vinculada às realizações pessoal, sexual e profissional. Nas configurações matrimoniais, há uma tendência da fragmentação dos ideais de amor romântico e eterno. O casamento que permite segurança, satisfação e afeto é considerado socialmente um ‘amor equilibrado’, ou ainda, ‘amor conjugal’. Tal concepção, por definição, inviabiliza os excessos que caracterizam o ‘amor-paixão’ tornando a vivência de apaixonamento possível fora do casamento, transgredindo as normas sociais.

No texto “Sobre o Narcisismo”, Freud (1914/1996b) menciona dois tipos de ligações na escolha de objeto que são: analítica que remete às figuras de cuidado originárias (pai e mãe ou cuidadores) e a narcísica que remete à escolha de um objeto semelhante a si mesmo. A respeito da repetição nos relacionamentos, Alvarenga (1996), no artigo “Uma leitura psicanalítica do laço conjugal” afirma que o encontro de subjetividades na conjugalidade dá margem à repetição (via repetitiva de satisfação libidinal) ou à renovação considerada como premissa de um encontro saudável. Essa ideia vai ao encontro do que a autora ressalta a respeito da conjugalidade se configurando como via de satisfação libidinal e ao amor como busca neurótica de equilíbrio. A respeito disso, a autora acrescenta que a relação conjugal ganha em dinamismo quando se transforma em espaço de articulação de diferenças, permitindo, assim, um questionamento constante de seu equilíbrio. Tal ideia nega o desejo regressivo fusional e valoriza o sujeito, protegendo sua subjetividade e usufruindo das qualidades respectivas à subjetividade do objeto de paixão amorosa.

Féres-Carneiro (1998) relata que na contemporaneidade os ideais em uma relação conjugal têm ênfase maior na autonomia e na satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles. Kaës (2001) menciona que o encontro e a interação de subjetividades podem transformar o material psíquico. A respeito do encontro da dupla amorosa, Féres-Carneiro (1998) destaca um ponto de extrema importância no encontro amoroso de que a partir da identificação de características comuns na dupla, uma ligação se estabelece tomando por princípio a ideia de complementariedade. Para a autora, do encontro especificado, há como consequência a construção de uma intersubjetividade na intersecção da dupla. Tal trama é nomeada por Magalhães e Féres-Carneiro (2003) como ‘trama identificatória conjugal’, caracterizada por entrelaçamento, não uma “mistura/fusão” de “Eus” da conjugalidade. Tal transformação no outro se realiza por meio de processos criativos

que preservam a alteridade; portanto, não há aniquilação da subjetividade de um em prol do encontro, nesse caso, de configuração saudável.

Alvarenga (1994) nos remete à ideia de Jablonski (2001) de que a sociedade estimula nos indivíduos expectativas matrimoniais aquém de serem alcançadas. Monteiro (2011), no artigo “Paixão, amor com tempo marcado” relembra que o amor e o casamento, tal como o conhecemos hoje, surgiram com a ordem burguesa, mas só ganharam feição a partir do século XVIII, quando a sexualidade passou a ocupar um lugar importante no casamento. Acrescenta que o amor, no sentido moderno de consensualidade, escolha e paixão amorosa, não existia no casamento, sendo, em geral, vivenciado nas relações de adultério. Assim, a sexualidade não era vivida como lugar de prazer sendo sua função específica a reprodução. A autora ainda menciona que, antes da expansão do cristianismo, a moral estóica defendia a procriação como finalidade e justificativa do casamento. Para os estóicos, um homem sábio devia amar sua mulher com discernimento e não com paixão. Os homens deviam se apresentar às esposas como maridos e não como amantes. A regra básica do código moral estóico defendia o amor-reserva no casamento e o amor-paixão fora do casamento. Isso continua com o cristianismo com São Paulo, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino.

Segundo Araújo (2002), o casamento monogâmico, instituído pela Igreja, fora uma tentativa de inviabilizar os libertinos desejosos de incidirem na infidelidade que desorganizaria a sociedade rígida em suas leis. O temor do desejo libertino humano leva Paulo, na Epístola aos Coríntios (I Cor., VII, 1), a respeito do casamento, afirmar que: cada homem tenha uma mulher, e cada mulher, um homem. Melhor seria que ficassem castos, mas se não podem se conter, casem-se. Vale lembrar que jurídica e religiosamente a infidelidade conjugal tem graves consequências, sendo que na segunda constitui infração moral e na primeira, adultério com ônus financeiro na quebra de contrato.

As regras da sociedade constituem ameaça ao desejo humano, embora tenham sido descritas pelos próprios homens, caracterizando, portanto, um grande paradoxo. Em “Mal-estar na Civilização”, Freud (1930) anuncia a dificuldade do homem de conviver em sociedade e atender seus desejos. Como consequência, ocorrem as transgressões e atitudes antissociais que tornam o homem inimigo da civilização. Tal questão pode ser exemplificada com a censura do ato transgressor que é objeto de discussões e críticas.

Os achados de Bolsanello (2000) a respeito da conjugalidade o levam a afirmar que quanto mais longo for o casamento, maiores as possibilidades de desilusão. A respeito dos motivos da decisão de uma relação extraconjugal, Menezes et al (2005) encontrou nos relatos de pessoas infiéis que a perda da atração pelo companheiro foi um dos motivos que as levaram à traição, afinal, o desejo acabou por sucumbir à convivência. Matarazzo (2000) corrobora os achados de Menezes et al (2005) afirmando que quem trai justifica que o parceiro não é mais aquele com quem se casou, ocasionando o deterioramento do desejo, das fantasias sexuais, permitindo a inclusão de uma terceira pessoa que possa preencher o vazio.

2.8.1 Da infidelidade

Costa (2000), a respeito da infidelidade conjugal, ressalta o quanto os casamentos na antiguidade tinham objetivos alheios à vontade de estar com outro com quem se casa. Consequentemente, os pensamentos das pessoas que casavam nem sempre estavam direcionados ao parceiro do matrimônio. Por outro lado, Féres-Carneiro (2003) afirma que as dissoluções conjugais não se justificam por uma desvalorização do casamento. Garcia e Tassara (2001) constataram a presença de temores das pessoas que se casam de que o seu companheiro não se comporte de acordo com o que foi esperado e idealizado. E a busca do casal passa ser de evitar que isso ocorra e no lugar de se relacionarem um com o outro, relacionam-se com a ideia de formarem um casal socialmente admirado.

Os contratos estabelecidos pelas pessoas em sociedade visam obtenção de segurança. A respeito da segurança que as pessoas buscam nos relacionamentos amorosos, Costa (2000) diz que, apesar de parecer surpreendente a afirmativa, tanto a fidelidade quanto a infidelidade, mesmo que em direções opostas, objetivam o mesmo fim: segurança e estabilidade emocional.

Ayres (2017) em "Reflexões e estatísticas importantes sobre a infidelidade" apresenta resultados do IBGE de que 57% dos homens e 54% das mulheres admitem já terem traído, seja real ou virtualmente. Tal resultado foi discutido pela autora que hipotetiza que as mulheres escondem que traem melhor que os homens, então há menos casos conhecidos de traição feminina que masculina.

Carmira Abdo apresentou os resultados do Estudo da Vida Sexual do Brasileiro (2004) que revelaram que 27,5% das mulheres e 50,6% dos homens estão tendo ou já tiveram um “caso” extraconjugal ou fora de um relacionamento estável. Encontrou também que 60% dos homens já foram infiéis alguma vez por atração, problemas no casamento ou outras circunstâncias. A respeito das mulheres encontrou que 47% das mulheres já foram infiéis, alguma vez, por insatisfação com o parceiro, vontade de experimentar outro parceiro, falta de amor ou atração. Portanto, elas traem por motivos referenciados ao casamento e à vingança. Relatou que a mulher trai por desamor, decepção e raiva do parceiro. Relacionou tal traição à “vingança da Amélia”. Assim, para a mulher, ser infiel está relacionado a trair a confiança do parceiro, transar com outro, mentir e desrespeitar o parceiro.

Segundo Ameno (2000), a grande maioria da população traída procuraria o perdão do parceiro, caso a relação extraconjugal fosse revelada. Portanto, não há intenção do término do casamento. O homem não quer a separação da esposa por se sentir culpado e pela perda financeira. Assim, escolhem a dor da separação da amante no lugar da culpa. No entanto, a mulher tenta recompor o casamento e resgatar a ordem anterior.

Para ameno (2000), a vivência de um triângulo amoroso tem o papel primordial de manter o casamento como instituição monogâmica tradicional. Para alguns, a infidelidade é apenas a falta de cumprimento ao acordo de exclusividade sexual dentro de um relacionamento monogâmico. Segundo esse autor o surgimento da amante faz a pessoa abandonar temporariamente a sociedade, a relação preestabelecida, para viver como indivíduo, como ser desejante. Contraditoriamente, sob este ponto de vista, seria uma alternativa saudável conservar o casamento sem ter a necessidade de abdicar de seus desejos mais íntimos. Esta relação extraconjugal é delimitada pela intensidade do relacionamento. É considerada a experiência do eu em seu estado mais puro. É o prazer de ser. Esta intensidade não existe no casamento, mas por a relação com o/a amante ser uma relação mágica e isenta de responsabilidade, a intensidade parece ser superior. Neste contexto, a amante se apresenta como cúmplice e mantém o casamento por favorecer o desenvolvimento da individualidade.

O trabalho de Glass e Wright (1985) apresenta a ideia de que as mulheres mais insatisfeitas com seus parceiros são mais inclinadas à infidelidade, e, portanto,

apresentam-se mais tendenciosas que os homens a se envolverem em aventuras emocionais relacionadas à infidelidade conjugal.

Sabe-se que a conjugalidade pressupõe um ideal de homem e de mulher, um ideal de relação, com papéis e lugares socialmente pré-concebidos, e relacionados historicamente ao modelo de posse. Foucault (1984), ao mencionar o ideal de posse da esposa cita: “Pois se a mulher pertence ao marido, este só pertence a si mesmo” (p. 130).

Essa situação é ilustrada pelos gregos que concebiam a sexualidade à luz de seus credos sociais, religiosos e de seus conhecimentos mitológicos. Assim, a mulher, ao contrário do marido, além de ser posse do marido, devia a ele exclusividade sexual. Ao refletir o relacionamento extraconjugal, Oltramari (2007) afirma: “As pessoas vivem com o desejo quase indissolúvel de fidelidade como uma instância única de realização do amor romântico [...]” (p.102). Autores como Borges e Dutra (2002) afirmam que a único modelo de relacionamento em que há possibilidade de fidelidade é aquele em que há paixão, afinal o maior desejo do casal é de satisfação do parceiro. Segundo Goldenberg (2006), a cultura ocidental apresenta-se contraditória a respeito dos temas de infidelidade exclusividade. A partir dessa constatação, aponta que apesar da necessidade de exclusividade as pessoas não desejam único parceiro para si.

Cherman (1996) compara lealdade e fidelidade e alerta que ninguém é fiel em seu desejo. No momento em que se fantasia com outra pessoa já está sendo infiel. Afirma também que “lealdade pode remeter a ser fiel ao próprio sentimento, mesmo que isto possa gerar conflitos”. O trabalho de Blow e Hartnett (2005) considera o tema infidelidade, assunto delicado de se falar abertamente devido às percepções negativas da sociedade e também em função dos danos causados aos indivíduos nos seus relacionamentos, famílias e carreiras. Acrescentam que as pessoas que vivem relacionamentos extraconjugais temem que seus relatos confidenciais sejam revelados.

Para Saddi (2011), a transgressão condensa e contrapõe o permitido e o proibido; o efeito erótico advém da união (permitido/proibido) e da superação da interdição pela transgressão. Algumas histórias conhecidas na literatura de paixão e vivência de relação extraconjugal de triângulos amorosos como o de Simone de

Beauvoir (1908-1986), Jean Paul Sartre (1905-1980) e o escritor americano Nelson Algren constituíram a questão da vivência da paixão nas relações extraconjugais.

A antropóloga Mirian Goldenberg (2013), ao analisar tal relação em seu trabalho “Amor, Casamento e Fidelidade na Cultura Brasileira”, relata que o casal Simone de Beauvoir e Jean Paul Sartre firmou uma relação amorosa em torno das ideias de liberdade irrestrita e de transparência absoluta. Segundo ela, ao realizar a leitura das cartas a Nelson Algren, encontrou uma Simone de Beauvoir que faria qualquer coisa para manter o amante, exceto se separar de Sartre

Rudiger (2012) ao analisar Simone de Beauvoir relata que a mesma pregou uma revolução amorosa possuidora de maior sentido utópico. Beauvoir (1949/2009) a esse respeito menciona: “[...] salvo nos casos bem raros onde o livre engajamento dos amantes se perpetua durante toda uma vida, a mística do amor conduz à catástrofe” (p.411).

Rudiger (2012) reflete a respeito da afirmação da autora:

“O verdadeiro amor só poderia ser o fundado socialmente, lastreado no reconhecimento recíproco da vida própria ou da liberdade de cada um dos amantes. A emancipação econômica e política é pré-condição para tanto, porque o amor não pode ser uma forma de se assumir a dependência a qual se está eventualmente condenado. Contudo, isso não basta: os parceiros precisariam criar seus próprios projetos existenciais, que poderiam convergir entre si, mas seria um independente aberto para coletividade, a fim de não sucumbir a pequenez de significado.” (p.155)

Tal afirmação do autor pode ser concluída pelo que foi mencionado por Beauvoir (1949/2009) sobre a conquista de independência para que a mulher possa desfrutar de indivíduos autônomos e ativos, portanto não parasitas em sua vida. A partir disso, o relacionamento amoroso para a autora assume liberdade para cada um do casal viver sua individualidade. Beauvoir (1949/2009) resume seu pensamento a respeito dos relacionamentos funcionais dos amantes que: “revelarem-se a si mesmos pela entrega de um ao outro e o enriquecimento do universo” (p.413). A questão da fidelidade foi abordada por Beauvoir que realizou uma compreensão desta associando à questão de gênero. Beauvoir (1949), a respeito dos impasses do homem e da mulher no casamento denuncia que o marido

podia levar para seu leito escravas, concubinas, amantes e prostitutas, enquanto a esposa entregava-lhe a virgindade e sua fidelidade. Nessa afirmação a autora conclui que às mulheres restava a submissão ao marido, dono de seus desejos e de seu corpo. O jogo de poder existente no seio da relação está associado, na maioria das vezes, às polaridades de gênero. Espera-se da mulher um comportamento reservado, de preferência com um único parceiro, enquanto que para os homens são esperados comportamentos sexuais mais ativos, mais agressivos.

Beauvoir (2000) distinguiu três tipos de relação: uma baseada na amizade, a segunda limitada ao sexo e a terceira voltada ao amor verdadeiro e total, por reunir amizade e sexo. Para a autora, a relação com o amante era a mais completa das três. Tal fato não viabilizou o casamento com o amante nem a separação de Sartre. Para ela a única fidelidade possível é a exercida com liberdade e não compulsoriamente e com relação ao adultério conclui: “O adultério é uma denúncia do contrato” (Beauvoir, 2000, p. 365).

2.8. O estresse e os relacionamentos amorosos

Lipp e Rocha (2007) afirmam que qualquer situação, fato ou evento que ocorra na vida de uma pessoa e exija qualquer adaptação pode ser nomeado de estressor, afinal desestabiliza o funcionamento do organismo. Tal situação exige uma adaptação do organismo, sendo que quanto maior o esforço que a pessoa precisa fazer maior será o seu nível de estresse. Os estressores são classificados como internos e externos dependendo da natureza da situação que os originou.

Segundo Holmes & Rahe (1967) é importante ressaltar que qualquer adaptação envolve situações que também são consideradas grandes estressores, afinal requerem dispêndio de quantidade importante de energia de adaptação para superá-los, levando um grande desgaste ao organismo. Os autores acrescentam que o número de mudanças ocorridas no período de um ano aumenta a probabilidade de ocorrência de patologias devido ao estresse.

Everly (1989) alerta para eventos naturalmente estressantes, nomeados “fatores biogênicos” ou fatores relacionados à sobrevivência humana, tais como: fome, dor e frio. Apesar dos fatores psicossociais não estarem relacionados à

sobrevivência, os mesmos também causam estresse. Toates (1999) ressalta o quanto as mudanças podem afetar a resistência física e mental originando doenças psicofisiológicas, cuja gênese pode estar ligada ao estresse emocional excessivo.

Lipp (1996) concorda com Lazarus (1993) ao afirmar que as fontes externas são mais facilmente identificadas do que as fontes internas. Lipp (2007) menciona exemplos de causas internas tais como: expectativas irrealistas que dizem respeito a subjetividade das pessoas envolvidas.

Gray (1996) teceu reflexões a respeito do estresse nas relações conjugais e realizou apontamentos esclarecendo como cada sexo lida com estresse nas situações de matrimônio. A esse respeito ressaltou que as crises acontecem em função do desconhecimento que o casal tem de suas próprias emoções em situações de tensão. O autor exemplifica apontando que homens em situações de tensão tendem na sua maioria ao isolamento e mulheres tornam-se mais verbais e sentem necessidade discutir os motivos do estresse. Os achados de Beck (1995) apontam que o estresse causado por ajustes conjugais leva a diferentes transtornos emocionais, tais como: quadros depressivos e ansiedade.

Costa e Júnior (1989) ao observarem a relação do relacionamento extraconjugal e o diagnóstico de disfunção sexual erétil masculina encontraram alta ansiedade em pessoas que vivem relação extraconjugal, principalmente em suas relações sexuais. As relações sexuais extraconjugais produzem alta ansiedade e a realização de fantasias sexuais. Sophia (2008) encontrou impulsividade em relacionamentos de caráter patológico. Arnett (1994) relacionou, a respeito da assunção de riscos relacionados à vivência de uma relação extraconjugal, ao público adolescente que, segundo a autora, apresenta uma propensão maior à manifestação de um potencial para tomada de riscos, bem como qualidade de busca de intensidade e novidade.

Braz (2010) lamenta a escassez de estudos direcionados à compreensão da reação de estresse no contexto matrimonial. Acrescenta que no século XX os pesquisadores se apresentaram mais interessados na vida amorosa conjugal, bem como no aprofundamento dos estudos a respeito dos mitos conjugais e na relação com a manifestação de estresse e qualidade de vida marital.

2.9. – A segunda metade da vida ou vida adulta

Para Sanchez e Roel (2001), o envelhecer é determinado não só pela cronologia, mas também pela condição social na qual se encontra a pessoa em questão, além de ser um processo fortemente afetado pelas singularidades individuais.

A reflexão desses autores é corroborada pelos achados de Antunes (2007), que se utiliza das subdivisões de Mosquera e Stobäus (1982) para descrever a vida adulta. Essa etapa é referida pelo autor como “adulter”, fenômeno do desenvolvimento humano permeado por novas responsabilidades, novos referenciais de existencialidade e por novas conquistas.

A respeito da vida adulta, Mosquera e Stobäus (1982) apresentou a “adulter jovem final” (abrangendo dos 35 aos 40 anos de idade), a “adulter média”, que tem como subdivisões a “adulter média inicial” (faixa etária dos 40 aos 50 anos) e, finalmente, a “adulter média plena” (fase dos 50 aos 60anos). Nesse intervalo de idade da vida adulta (25-60 anos), enfoque desta pesquisa, o homem toma consciência da chegada em sua existencialidade adulta e, portanto, procura atribuir significância pessoal às suas experiências. Na segunda fase da vida adulta, nomeada adulter média, há grande probabilidade de o homem ter alcançado seus objetivos particulares de família constituída, de empregabilidade e de moradia. Tal segurança é acompanhada de uma tendência à extroversão, isto é, uma visualização para o mundo exterior.

3. OBJETIVO

Este trabalho tem como objetivo identificar se pessoas casadas vivendo relação extraconjugal apresentam maiores índices nas manifestações de estresse, expressão de afetos, impulsividade, propensão ao risco e busca de sensações quando comparadas a pessoas casadas que não vivem relação extraconjugal.

Foram levantadas as seguintes hipóteses:

3.1 Hipótese 0

Os índices de estresse, expressão de afetos, impulsividade, propensão ao risco e busca de sensações em casados vivendo relações extraconjugais são iguais aos índices de estresse, expressão de afetos, impulsividade, propensão ao risco e busca de sensações em casados.

3.2 Hipótese 1

Os índices de estresse, expressão de afetos, impulsividade, propensão ao risco e busca de sensações em casados vivendo relações extraconjugais são diferentes dos índices de estresse, expressão de afetos, impulsividade, propensão ao risco e busca de sensações em casados.

4. MÉTODO

4.1 Sujeitos

Foram acompanhados 40 (quarenta) adultos entre 25 (vinte e cinco) e 60 (sessenta) anos, casados, de ambos os sexos, sendo 20 (vinte) deles vivendo uma relação extraconjugal, e outros 20 (vinte) que não vivenciavam relação extraconjugal.

Todos os indivíduos possuíam profissões que exigiam nível superior (burguesia e pequena burguesia).

Para ambos os grupos, foram considerados como critérios de seleção da amostra, a idade dos participantes no intervalo entre 25 (vinte e cinco) e 60 (sessenta) anos, estado civil e a vivência (GE) ou não (GC) de uma relação extraconjugal.

4.2 Instrumentos.

Foram utilizados, neste trabalho, os seguintes instrumentos:

4.2.1- Escala do amor apaixonado (EAA); (Passionate Love Scale).

A Escala do Amor Apaixonado foi criada nos Estados Unidos (Hatfield & Sprecher, 1986) e converteu-se em um instrumento bastante difundido internacionalmente. O teste possui, também, uma versão para adolescentes (Hatfield, 1988). É uma escala com 30 (trinta) itens, podendo ser avaliada por meio de uma versão reduzida de 15 (quinze) itens. O sujeito deve responder o quanto concorda com a afirmação de cada item, utilizando uma escala contínua de 9 (nove) pontos que varia de “totalmente falso” para “totalmente verdadeiro”. A escala mede o amor apaixonado a partir de componentes cognitivos, emocionais e comportamentais que indiquem um “desejo ardente” de união com a pessoa amada.

Embora esta pesquisa não tenha encontrado, entre as amostras brasileiras, outras pesquisas com escala, decidiu-se incluí-la no relato pelo fato de existir, em Portugal, uma versão em língua portuguesa, realizada por um autor brasileiro (Feybesse, Neto, & Hatfield, 2011). A escala teve estrutura unifatorial, com valores de alfa de 0,96 para a versão completa e 0,92 para a versão reduzida, indicando excelente precisão. Outro dado relevante foi a correlação de 0,84 da escala com a componente paixão na ETAS, corroborando a semelhança teórica entre os conceitos de paixão e de amor apaixonado (Hernandez, 2015).

4.2.2- Escala de tipos de apego adulto (EAA)

A teoria do apego foi proposta por Bowlby (1989) e afirma que o apego do bebê pela mãe se reflete no apego pelo parceiro na vida adulta. O apego é classificado em três tipos, a saber: Apego Seguro (facilidade para estabelecer vínculos afetivos), Apego Evitativo (desconforto para estabelecer vínculos afetivos) e Apego Ambivalente (desconfiança para estabelecer vínculos afetivos). Uma maneira bastante simples para avaliar o apego foi desenvolvida por Hazan e Shaver (1987). Ela consiste de três afirmativas, e a pessoa deve escolher aquela que mais se adequa a ela própria. No Brasil, uma amostra com amor patológico teve 42% (n = 8) dos seus sujeitos com apego seguro, enquanto 80% (n = 16) das pessoas classificadas como normais apresentavam esse estilo de apego (Berti & cols., 2011), evidenciando a validade dessa medida.

4.2.3 Avaliação de Classe Social-Pelotas:

Define a classe social do provedor (a) da família. Para caracterizar a população em termos de classe social, foi aplicada a avaliação de Classe Social-Pelotas (Lombardi. et al., 1988), que avalia o nível socioeconômico a partir do cargo e da formação necessária para a ocupação do cargo do principal provedor da família. As classes sociais se subdividem em: burguesia, nova pequena burguesia, pequena burguesia tradicional, proletário típico, proletário não típico e subproletariado. Essa escala foi escolhida por não se embasar somente no poder aquisitivo da família, mas, sim, na sua atividade e cultura.

A burguesia é constituída por todos os proprietários de meios de produção que, sem estarem eles mesmos sujeitos à exploração, empregam força de trabalho assalariada, exercendo função de exploração de tipo capitalista que se expressa na apropriação de uma porção de tempo de trabalho do operário. A nova pequena burguesia engloba os agentes sociais que ocupam os postos de mais alto nível técnico e de tomada de decisões, especificamente. A pequena burguesia tradicional é composta pelos agentes sociais que, sem formação universitária, possuem a capacidade de se reproduzir de maneira independente por disporem de meios de produção próprios. O proletariado inclui todos os agentes sociais que, estando submetidos a uma relação de exploração, não exercem, eles mesmos, nem direta nem indiretamente, função de exploração. Por último, a classe denominada subproletariado inclui todos os agentes sociais que desempenham uma atividade predominantemente não assalariada, em geral instável, com a qual obtém salários e/ou rendimentos inferiores ao custo mínimo da reprodução da força de trabalho.

4.2.4 Inventário de Saúde Mental (ISM) ; Mental Health Inventory (MHI).

O MHI é um questionário de autorresposta. Inclui trinta e oito itens, selecionados de outros questionários já existentes. Foram incluídos itens para medir tanto o *Distress* psicológico como o Bem-Estar psicológico. Esses itens distribuem-se por cinco escalas (Ansiedade, com dez itens; Depressão, com cinco itens; Perda de Controle Emocional/Comportamental, com nove itens; Afeto Positivo, com onze itens; Laços Emocionais, com três itens), e, por sua vez, essas cinco subescalas agrupam-se em duas grandes subescalas ou dimensões que medem, respectivamente, o *Distress* Psicológico e o Bem-Estar Psicológico (a primeira resulta do agrupamento das subescalas de Ansiedade, Depressão e Perda de Controle Emocional/Comportamental, enquanto a segunda resulta do agrupamento das subescalas Afeto Geral Positivo e Laços Emocionais). A resposta a cada item é

dada numa escala ordinal de cinco ou seis posições. A nota total resulta da soma dos valores brutos dos itens que compõem cada escala referida acima. Valores mais elevados correspondem à melhor saúde mental (Ribeiro, 2011).

4.2.5 Escala de Alexitimia de Toronto (EAT): Toronto Alexithymia Scale (TAS-20)

Vários instrumentos foram desenvolvidos para avaliar as características alexitímicas. No entanto, têm sido criticados no que respeita às suas propriedades psicométricas. Em diversas revisões desses instrumentos, a Escala de Alexitimia de Toronto (TAS) surge como o instrumento de autoavaliação que possui melhores propriedades psicométricas tendo resistido às críticas dirigidas aos outros instrumentos disponíveis.

Para Lundh e Simonsson-Sarnecki (2001) a TAS-20 é considerada a melhor medida existente de alexitimia. A Escala de Alexitimia de Toronto (TAS-20) é um instrumento multidimensional de autoavaliação constituído por 20 (vinte) itens, desenvolvido por Bagby, Parker e Taylor e que apresenta uma adequada precisão e validade para a avaliação do constructo de alexitimia. Resulta de um aperfeiçoamento psicométrico da versão inicial da TAS de 26 (vinte e seis) itens, desenvolvida por Taylor, Bagby e Parker (1985) com a preocupação de congruência com o conceito de alexitimia, independência do enviesamento das respostas por desejabilidade social e consistência interna (Taylor, et al, 1985). Os autores consideram que a TAS-20 representa uma melhoria significativa face às versões anteriores (TAS e TAS-R), possuindo melhores qualidades psicométricas (Taylor, Bagby & Parker, 1997). A análise fatorial sugere que a TAS-20, tal como a TAS, avalia uma dimensão geral da alexitimia que pode ser dissociada em três fatores intercorrelacionados, congruentes com a teorização do constructo de alexitimia: i. F1 - dificuldade em identificar sentimentos e em distingui-los das sensações corporais da emoção; ii. F2 - dificuldade em descrever sentimentos; iii. F3 - estilo de pensamento orientado para o exterior (Bagby et al., 1994a). Esses três fatores refletem facetas teoricamente distintas do conceito de alexitimia. Os autores sugerem o valor de 60 (sessenta) como ponto de corte. Pontuação superior a esse valor indica a existência de alexitimia (Silva, 2010).

4.2.6- Escala de Propensão ao Risco Específico (Epre) (Howat-Rodrigues, Andrade & Tokumaru, 2013).

Instrumento de medida psicológica baseado na escala norte-americana Dospert (Weber et al., 2002) construído com estrutura de quatro dimensões/fatores: ético/legal, social, saúde/segurança e recursos financeiros com índices de confiabilidade satisfatórios para fins de pesquisa. A estrutura fatorial de propensão ao risco, sugerida para o contexto brasileiro, apresenta material relevante para diferenciações culturais e contextuais sobre o risco no país.

4.2.7- Escala Barrat de Impulsividade (EIB); (Barrat Impulsivity Scale)- BIS 11

A BIS-11 é uma escala de autopreenchimento composta por trinta itens relacionados às manifestações da impulsividade, tendo como base o modelo teórico proposto por Ernst Barratt. O probando deve analisar cada um dos itens, considerando seu próprio comportamento e classificá-los de acordo com uma escala do tipo Likert de quatro pontos, a saber: 1: raramente ou nunca; 2: de vez em quando; 3: com frequência; 4: quase sempre/sempre. A pontuação da escala varia de trinta a cento e vinte pontos, e altos escores indicam a presença de comportamentos impulsivos. Além de um escore global, a BIS-11 permite o cálculo de escores parciais referentes a três subdomínios da impulsividade, sendo eles a impulsividade motora (itens 2, 3, 4, 16, 17, 19, 21, 22, 23, 25 e 30*), atencional (itens 6, 5, 9*, 11, 20*, 24, 26, 28) e por não planejamento (itens 1*, 7*, 8*, 10*, 12*, 13*, 14, 15*, 18, 27, 29*).

4.2.8- Inventário de Busca de Sensações de Arnett (AISS; Arnett, 1994).

Instrumento construído por Arnett (1994) e Omar e Uribe, (1998) trata de uma escala de vinte itens, os quais compõem duas subescalas: a busca de intensidade (por exemplo, “quando escuto música, eu gosto de escutá-la bem alto”; “gosto de assistir a filmes que tenham muita explosão e batidas”; “deve ser muito excitante estar brigando numa guerra”) e a busca da novidade (por exemplo, “seria interessante casar-me com alguém de um país estrangeiro”; “penso que é divertido falar, atuar ou me mostrar mesmo na frente das pessoas”; “gostaria muito de viajar para lugares longe e desconhecidos”) na estimulação dos sentidos, cada uma com dez itens. Para respondê-la, é utilizada uma escala de resposta tipo Likert com quatro pontos (1: *não me descreve em nada*; 2: *descreve-me em alguma medida*; 3:

descreve-me bem e 4: *descreve-me totalmente*), devendo indicar o quanto cada um dos itens descreve sua conduta habitual.

4.3 Procedimento.

Os colaboradores foram convidados a participar de uma pesquisa do Laboratório de Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade de São Paulo. Por ser uma amostra de conveniência, foram selecionadas pessoas em diferentes serviços psicoterápicos.

Os participantes foram divididos em dois grupos: os que viviam uma relação extraconjugal e os que não viviam uma relação extraconjugal, para que fosse feito um estudo comparativo entre eles.

O grupo formado por pessoas com relação extraconjugal (constituiu o Grupo Experimental - GE) e outro por pessoas sem relação extraconjugal (constituiu o Grupo Controle – GC).

Foi aplicada, em todos os sujeitos, a Escala de Avaliação de Classe Social-Pelotas, visando à homogeneização da amostra nos aspectos econômicos e sociais.

Para ambos os grupos, foi considerado como critério de seleção da amostra, a idade dos participantes no intervalo entre 25 (vinte e cinco) e 60 (sessenta) anos, estado civil e a vivência (GE) ou não (GC) de uma relação extraconjugal.

Os participantes foram informados acerca dos objetivos da pesquisa e convidados a participar voluntariamente. Foram realizados 03 (três) encontros no Laboratório de Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade de São Paulo, previamente agendados, para a realização da pesquisa.

No primeiro, com a presença de voluntário e pesquisador, foi preenchida a ficha de identificação, junto da aplicação da Avaliação de Classe Social-Pelotas e aplicadas a Escala de Amor Apaixonado e a Escala de Tipos de Apego Adulto. No segundo encontro foram entregues para preenchimento os questionários autoaplicáveis e fornecidas explicações quanto ao respectivo preenchimento: Escala de Alexitimia de Toronto; Inventário MHI (Mental Health Inventory). No terceiro e último encontro, os participantes receberam: Escala Barrat de Impulsividade, Inventário de Busca de Sensações de Arnett e a Escala de Propensão ao risco específico (Epre).

O projeto foi submetido e aprovado pela Comissão de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) sob o CAAE 60185816.5.0000.5561.

4.4- Plano de Análise Estatística.

Os dados foram estatisticamente analisados pelo teste não paramétrico de Mann-Whitney (Siegel, 2006).

Para o autor, esse teste é utilizado quando se dispõe de uma amostra pequena e a variável numérica não apresenta sabidamente uma variação normal (ou não dá para ser verificada satisfatoriamente), ou ainda, quando não há homogeneidade das variâncias (embora exista uma correção no teste t que considera as variâncias desiguais), o teste t não é apropriado. Nessa situação, pode-se utilizar o teste não paramétrico de Mann-Whitney. O teste de Mann-Whitney é indicado para comparação de dois grupos não pareados para se verificar se pertencem ou não à mesma população e cujos requisitos para aplicação do teste t de Student não foram cumpridos. O teste de Mann-Whitney (U) testa a igualdade das medianas.

5. RESULTADOS

A partir dos objetivos e da metodologia empregada, foram obtidos os seguintes resultados:

Caracterização da amostra.

5.1 Características Sociodemográficas.

Neste estudo, as amostras de indivíduos casados com relações extraconjugais e indivíduos casados eram homogêneas para a maior parte dos aspectos sociodemográficos investigados.

Todos os indivíduos possuíam profissões que exigiam nível superior, eram casados por um longo tempo com relacionamentos satisfatórios e trabalhavam em profissões qualificadas e possuíam condição financeira estável.

Tabela 01. Sexo dos participantes.

Sexo	N	%
F	33	73,3
M	12	26,7
Total	45	100,0

Fonte: Autora

De acordo com a tabela 01, acima, há um número significativamente maior (73,3%) de mulheres na amostra, o que pode incorrer em um viés neste trabalho. No entanto, esse número denunciou um abalo no estereótipo dos papéis femininos tradicionais (dona de casa, mãe, esposa, submissa ao marido), uma quebra paradigmática indicando que as esposas se ocupem das tarefas domésticas, dos cuidados com os filhos e da atenção ao marido. Essas relações determinadas pelas normas sociais e já concebidas como naturais. O casamento estabelece direitos e atribuições distintas para os gêneros, cujas funções são desiguais e há dominação do feminino pelo masculino.

Tabela 02. Idade e tempo de casado

		Relação extraconjugal	
		Não	Sim
Idade	Média	38,9	44,8
	Mediana	39,0	46,0
	Mínimo	25	26
	Máximo	54	68
	desvio-padrão	9,2	12,2
	n	20	25
Tempo de casado	Média	13,5	13,4
	Mediana	9,0	12,0
	Mínimo	0,6	2,0
	Máximo	35,0	40,0
	desvio-padrão	10,2	9,9
	n	20	25

Fonte: Autora

Indivíduos em relações extraconjugais apresentaram tendência de idade média maior que os do grupo de casados.

Pode ser observado pelo desvio padrão que as médias foram muito semelhantes, embora a amostra seja heterogênea.

Não foi pesquisado se o tempo de casado se referia a um único casamento. Esse tempo de casado das duas amostras não apresentou diferença significativa, levando a concluir que os casamentos de longo prazo não justificam o estabelecimento de um relacionamento extraconjugal.

Tabela 03. Escala de Amor apaixonado (EAA)

		Relação extraconjugal		Teste de Mann-Whitney (p)	Resultado
		Não	Sim		
EAA	Média	193,90	204,28	0,185	Não = Sim
	Mediana	195,50	213,00		
	Desvio-padrão	29,11	37,16		
	n	20	25		
EAA-R	Média	98,80	104,64	0,189	Não = Sim
	Mediana	97,00	106,00		
	Desvio-padrão	14,48	18,13		
	n	20	25		

Fonte: Autora

Quanto à Escala de Amor Apaixonado, os resultados não mostraram diferenças significativas entre os grupos apresentando níveis de envolvimento afetivo semelhantes.

Tabela 04. Escala de Tipo de apego adulto (ETAA)

		Relação extraconjugal		Teste de Mann-Whitney (p)	Resultado
		Não	Sim		
ETAA	Média	1,30	1,24	0,900	Não = Sim
	Mediana	1,00	1,00		
	Desvio-padrão	,66	,44		
	n	20	25		

Fonte: Autora

De acordo com o observado, com a aplicação da Escala de Tipo de Apego Adulto, não foi encontrada diferença estatística significativa entre os grupos.

O grupo com relações extraconjugais, diferentemente do que era esperado, não apresentou padrão alterado de apego se comparado ao grupo de casados. A maioria dos tipos de apego, em ambos os grupos, foi de apego seguro, ou seja, pessoas que apresentam facilidade para estabelecer vínculos afetivos, mantendo a característica de segurança na qualidade de vínculo.

Tabela 05 - Inventário de Saúde Mental (ISM); Mental Health Inventory (MHI)

		Relação Extraconjugal		Teste de Mann-Whitney (p)	Resultado
		Não	Sim		
Ansiedade	Média	35,40	36,12	0,583	Não = Sim
	Mediana	35,50	37,00		
	Desvio-padrão	5,15	6,07		
	n	20	25		
Depressão	Média	19,85	19,12	0,655	Não = Sim
	Mediana	20,00	19,00		
	Desvio-padrão	3,92	4,58		
	n	20	25		
Perda_controle	Média	35,10	35,28	0,740	Não = Sim
	Mediana	35,00	34,00		
	Desvio-padrão	5,59	5,40		
	n	20	25		
Afeto positivo	Média	41,05	41,24	0,909	Não = Sim
	Mediana	41,00	38,00		
	Desvio-padrão	7,73	9,54		
	n	20	25		
Laços emocionais	Média	11,25	11,04	0,645	Não = Sim
	Mediana	11,00	10,00		
	Desvio-padrão	2,36	2,85		
	n	20	25		
distresse	Média	90,35	90,52	0,945	Não = Sim
	Mediana	89,00	90,00		
	Desvio-padrão	12,13	13,00		
	n	20	25		
Bem estar	Média	52,30	52,28	0,936	Não = Sim
	Mediana	52,00	48,00		
	Desvio-padrão	9,52	11,24		
	n	20	25		
ISM total	Média	142,65	142,80	0,945	Não = Sim
	Mediana	142,50	141,00		
	Desvio-padrão	15,47	15,69		
	n	20	25		

Fonte: Autora

Também, diferentemente do esperado, não se observou diferenças significativas entre os grupos de casados vivendo uma relação extraconjugal quanto ao Inventário de Saúde Mental.

O grupo com relacionamentos extraconjugais não apresenta comprometimento da saúde mental, ou melhor, não é disfuncional, ou ainda, não apresenta nenhum quadro psicopatológico. Assim, não foram identificados sintomas

psicológicos de humor e ansiedade ou de perda de controle sobre os sentimentos, pensamentos e comportamentos da população estudada aqui.

Os dados sugerem que pessoas casadas que vivem um relacionamento extraconjugal não apresentam alteração em seu humor e ansiedade, portanto, não perdem o controle apesar do excesso característico do apaixonamento e não apresentam pensamentos e comportamentos atípicos em função da situação vivida.

Tabela 06 - Escala de Alexitimia de Toronto de 20 itens (EAT).

		Relação Extraconjugal		Teste de Mann-Whitney (p)	Resultado
		Não	Sim		
F1	Média	17,00	17,76	0,863	Não = Sim
	Mediana	17,50	18,00		
	Desvio-padrão	7,41	8,30		
	n	20	25		
F2	Média	13,90	14,28	0,845	Não = Sim
	Mediana	14,00	15,00		
	Desvio-padrão	3,60	4,23		
	n	20	25		
F3	Média	25,35	26,44	0,982	Não = Sim
	Mediana	27,00	26,00		
	Desvio-padrão	6,38	4,66		
	n	20	25		

Fonte: Autora

De acordo com a escala de Alexitimia de Toronto, não há diferenças estatísticas significativas entre os grupos. A maioria das questões relativas à expressão de afeto ou à expressão das próprias emoções e estado de ânimo não mostrou diferenças significativas nos dois grupos analisados. Assim, não houve diferenças nas três dimensões analisadas, ou seja, os participantes não apresentaram dificuldade para identificar sentimentos, sensações corporais, nem na descrição de sentimentos para os outros, bem como no estilo de pensamento orientado para o exterior.

No entanto, o grupo experimental apresentou tendência à diferença no item 20 que diz respeito a ("procurar significados ocultos nos filmes e peças de teatro distrai do prazer que proporciona"), o que fez pensar na busca de algo mais idealizado, fantasiado.

Os dois grupos se comportaram da mesma maneira na expressão de afetos. Os resultados obtidos na média de ambos os grupos (GC-17,00 e GE- 17,76,),

comparados à nota de corte-60(sessenta), sugerida pelos autores, na Escala de Alexitimia de Toronto, permitiram concluir que ambos os grupos se mostraram muito afetivos, apresentando facilidade na expressão de afetos (Média dos dois grupos- 17,00 X Nota de corte-60)

Tabela 7. Escala de Impulsividade de Barrat (EIB).

		Relação Extraconjugal		Teste de Mann-Whitney (p)	Resultado
		Não	Sim		
Impulsividade	Média	22,45	24,24	0,162	Não = Sim
	Mediana	20,50	22,00		
	Desvio-padrão	7,49	6,07		
	n	20	25		
Atencional	Média	20,00	18,36	0,157	Não = Sim
	Mediana	19,00	17,00		
	Desvio-padrão	4,18	3,53		
	n	20	25		
Não planejamento	Média	27,95	28,80	0,484	Não = Sim
	Mediana	28,00	28,00		
	Desvio-padrão	5,25	4,41		
	n	20	25		
BIS - 11	Média	70,40	71,40	0,515	Não = Sim
	Mediana	65,50	68,00		
	Desvio-padrão	14,27	11,89		
	n	20	25		

Fonte: Autora

Em relação à impulsividade de Barrat, não foram observadas diferenças significativas entre os grupos. No entanto, o item, da escala de impulsividade, “Apaixonar-se e assumir uma relação fora do casamento” apresentou-se significativo, pois esse fator exige do indivíduo casado, com relação extraconjugal maior habilidade na tomada de decisões e facilidade em direcionar a ação impulsiva de seu desejo.

Outro resultado significativo foi o da questão para o grupo sem relação extraconjugal que descreve: "enquanto estou pensando em uma coisa, é comum que outras ideias me venham à cabeça ou ao mesmo tempo". Afinal, qualquer desejo que tenha surgido para esse grupo, para não infringir questões morais, deve ter permanecido somente no plano das ideias.

Tabela 08. Inventário de Busca de Sensações de Arnett (IBSA); Arnett Sensation Seeking inventory (AISS).

		Relação Extraconjugal		Teste de Mann-Whitney (p)	Resultado
		Não	Sim		
Novidade	Média	23,90	24,76	0,697	Não = Sim
	Mediana	23,00	23,00		
	Desvio-padrão	6,09	5,75		
	n	20	25		
Intensidade	Média	22,35	23,28	0,688	Não = Sim
	Mediana	22,00	22,00		
	Desvio-padrão	5,95	5,55		
	n	20	25		

Fonte: Autora

Também não foram observadas diferenças significativas entre os grupos, na avaliação do Inventário de Buscas de Sensações de Arnett.

Ambos os grupos não apresentaram diferença na busca de sensações e levaram em conta o potencial para tomada de riscos e a qualidade na busca de intensidade e novidade na estimulação sensorial.

Tal resultado vai ao encontro da especificidade do público aqui analisado, considerado adulto e maduro. Segundo Arnett (1994), pessoas mais propensas a manifestarem um potencial para tomada de riscos e que possuem uma qualidade de busca de intensidade e novidade são o público adolescente. Esse público não foi alvo deste estudo, afinal, o enfoque foi a compreensão da paixão adulta/madura, diferente da paixão narcísica vivida na adolescência.

Não encontrar diferenças significativas nos grupos estudados favoreceu a constatação da importante diferença apontada entre a paixão narcísica e a paixão madura, uma vez que, diferentemente do pensado, a característica da simples busca de novidades não foi observada nos relacionamentos extraconjugais.

A seguir serão apresentados os resultados referentes às comparações entre as questões da EPRE em ambos os grupos.

Tabela 09. Comparativo entre os grupos quanto às questões da EPRE

		Relação Extraconjugal		Teste de Mann-Whitney (p)	Resultado
		Não	Sim		
EPRE1	Média	3,50	2,88	0,075 (tendência)	Não = Sim
	Mediana	3,50	3,00		
	Desvio-padrão	1,19	1,20		
	n	20	25		
EPRE2	Média	1,55	1,52	0,710	Não = Sim
	Mediana	1,00	1,00		
	Desvio-padrão	1,15	,82		
	n	20	25		
EPRE3	Média	1,65	2,36	0,079 (tendência)	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	,67	1,29		
	n	20	25		
EPRE4	Média	1,30	1,52	0,314	Não = Sim
	Mediana	1,00	1,00		
	Desvio-padrão	,92	1,00		
	n	20	25		
EPRE5	Média	2,80	2,24	0,195	Não = Sim
	Mediana	2,50	2,00		
	Desvio-padrão	1,51	1,30		
	n	20	25		
EPRE6	Média	2,35	2,72	0,225	Não = Sim
	Mediana	2,00	3,00		
	Desvio-padrão	1,04	1,06		
	n	20	25		
EPRE7	Média	1,05	1,36	0,233	Não = Sim
	Mediana	1,00	1,00		
	Desvio-padrão	,22	,99		
	n	20	25		
EPRE8	Média	1,25	1,48	0,180	Não = Sim
	Mediana	1,00	1,00		
	Desvio-padrão	,79	,87		
	n	20	25		
EPRE9	Média	1,60	2,16	0,154	Não = Sim
	Mediana	1,00	2,00		
	Desvio-padrão	,82	1,25		
	n	20	25		
EPRE10	Média	2,15	1,72	0,126	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	,99	,84		
	n	20	25		
EPRE11	Média	2,00	1,48	0,129	Não = Sim
	Mediana	1,00	1,00		
	Desvio-padrão	1,38	1,00		
	n	20	25		

Continua

Continuação

Tabela 09 Comparativo entre os grupos quanto às questões da EPRE

		Relação Extraconjugal		Teste de Mann-Whitney (p)	Resultado
		Não	Sim		
EPRE12	Média	1,40	1,60	0,791	Não = Sim
	Mediana	1,00	1,00		
	Desvio-padrão	,68	1,32		
	n	20	25		
EPRE13	Média	2,65	2,00	0,238	Não = Sim
	Mediana	1,50	1,00		
	Desvio-padrão	1,87	1,55		
	n	20	25		
EPRE14	Média	2,65	2,84	0,627	Não = Sim
	Mediana	2,00	3,00		
	Desvio-padrão	1,23	1,34		
	n	20	25		
EPRE15	Média	3,50	4,04	0,135	Não = Sim
	Mediana	4,00	5,00		
	Desvio-padrão	1,54	1,46		
	n	20	25		
EPRE16	Média	2,70	2,68	0,907	Não = Sim
	Mediana	3,00	3,00		
	Desvio-padrão	1,17	1,35		
	n	20	25		
EPRE17	Média	2,35	2,20	0,617	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	1,31	1,32		
	n	20	25		
EPRE18	Média	2,00	2,36	0,268	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	,73	,99		
	n	20	25		
EPRE19	Média	1,35	2,00	0,046*	Não < Sim
	Mediana	1,00	1,00		
	Desvio-padrão	,88	1,38		
	n	20	25		
EPRE20	Média	1,90	2,00	0,961	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	1,12	1,26		
	n	20	25		
EPRE21	Média	3,05	2,60	0,118	Não = Sim
	Mediana	3,00	2,00		
	Desvio-padrão	1,05	,96		
	n	20	25		
EPRE22	Média	1,85	2,16	0,513	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	,88	1,21		
	n	20	25		
EPRE23	Média	2,05	2,60	0,148	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	1,28	1,44		
	N	20	25		

Continua

Continuação

Tabela 09 Comparativo entre os grupos quanto às questões da EPRE

		Relação Extraconjugal		Teste de Mann-Whitney (p)	Resultado
		Não	Sim		
EPRE24	Média	1,25	1,40	0,471	Não = Sim
	Mediana	1,00	1,00		
	Desvio-padrão	,64	,82		
	n	20	25		
EPRE25	Média	1,75	2,00	0,206	Não = Sim
	Mediana	1,00	2,00		
	Desvio-padrão	1,25	1,08		
	n	20	25		
EPRE26	Média	1,35	1,56	0,322	Não = Sim
	Mediana	1,00	1,00		
	Desvio-padrão	,99	1,00		
	n	20	25		
EPRE27	Média	2,65	1,96	0,059 (tendência)	Não = Sim
	Mediana	2,00	1,00		
	Desvio-padrão	1,57	1,43		
	n	20	25		
EPRE28	Média	1,35	1,56	0,296	Não = Sim
	Mediana	1,00	1,00		
	Desvio-padrão	1,09	1,08		
	n	20	25		
EPRE29	Média	1,55	1,76	0,270	Não = Sim
	Mediana	1,00	2,00		
	Desvio-padrão	,94	,93		
	n	20	25		
EPRE30	Média	1,40	1,96	0,016*	Não < Sim
	Mediana	1,00	2,00		
	Desvio-padrão	,94	1,02		
	n	20	25		
EPRE31	Média	2,00	2,56	0,100 (tendência)	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	1,08	1,16		
	n	20	25		
EPRE32	Média	1,30	2,08	0,009*	Não < Sim
	Mediana	1,00	2,00		
	Desvio-padrão	,66	1,22		
	n	20	25		
EPRE33	Média	2,25	2,40	0,640	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	1,02	1,15		
	n	20	25		
EPRE34	Média	2,30	2,32	0,466	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	1,13	,80		
	n	20	25		

Continua

Continuação

Tabela 9 Comparativo entre os grupos quanto às questões da EPRE

		Relação Extraconjugal		Teste de	Resultado
		Não	Sim	Mann-Whitney (p)	
EPRE35	Média	1,65	1,60	0,848	Não = Sim
	Mediana	1,00	1,00		
	Desvio-padrão	,99	,71		
	n	20	25		
EPRE36	Média	1,20	1,52	0,092 (tendência)	Não = Sim
	Mediana	1,00	1,00		
	Desvio-padrão	,70	,92		
	n	20	25		
EPRE37	Média	1,65	1,88	0,624	Não = Sim
	Mediana	1,00	1,00		
	Desvio-padrão	,88	1,13		
	n	20	25		
EPRE38	Média	1,70	2,08	0,716	Não = Sim
	Mediana	1,00	1,00		
	Desvio-padrão	1,22	1,55		
	n	20	25		

Fonte: Autora

Conclusão

As questões EPRE30 e EPRE32 foram significativas no sentido de maiores valores para o grupo casados vivendo uma relação extraconjugal, e as EPRE3, EPRE31 e EPRE36 foram quase significativas (p entre 0,05 e 0,10) para esse mesmo grupo.

EPRE1 e EPRE27 foram parcialmente significativas (p entre 0,05 e 0,10) no sentido de maiores valores para o grupo casados vivendo uma relação extraconjugal.

Na escala de propensão ao risco foram encontradas algumas questões que apresentaram resultados significativos, apontando maiores valores para o grupo com relacionamento extraconjugal.

As hipóteses deste trabalho foram reforçadas pelos elementos de significância apresentados nas respostas das questões, especialmente com relação ao tema da “traição com outra pessoa”. Tal fato aparece no público dos que mantinham relações extraconjugais, visto que a manutenção de uma relação extraconjugal na sociedade é considerada uma infração, ou melhor, transgressão à lei dos casamentos.

Outro tema também significativo foi a preocupação que os casados com relação extraconjugal têm em assumir seu desejo (30- mostrar para o chefe ou professor o erro dos outros).

Observou-se também uma tendência a ter maior facilidade de lidar com situações de risco, característica da personalidade de pessoas casadas em relação extraconjugal. Afinal, o apaixonamento pressupõe lidar de uma maneira mais eficaz com situações de enfrentamento de risco. (32-reagir a um assalto). As questões que dizem respeito a valor (3 - usar roupas de marca para se sentir atraente e 31- falar conquistas pessoais) foram quase significativas. O envolvido no relacionamento extraconjugal mostrou acreditar no seu poder de sedução.

O grupo de casados, no entanto, mostrou-se em busca de novos amigos e gastando mais impulsivamente, o que poderia ser visto como meios compensatórios para situações não exploradas em sua subjetividade.

As questões referentes à EAA e EAT também foram comparadas uma a uma, entre ambos os grupos estudados, com os resultados a seguir.

Tabela 10 - Comparativo entre os grupos quanto às questões da EAA.

		Relação Extraconjugal		Teste de Mann-Whitney (p)	Resultado
		Não	Sim		
EAA1	Média	5,30	4,80	0,555	Não = Sim
	Mediana	5,50	5,00		
	Desvio-padrão	2,56	2,69		
	N	20	25		
EAA2	Média	5,45	6,56	0,149	Não = Sim
	Mediana	6,00	7,00		
	Desvio-padrão	2,65	2,26		
	N	20	25		
EAA3	Média	6,15	6,56	0,675	Não = Sim
	Mediana	6,00	7,00		
	Desvio-padrão	2,60	2,06		
	N	20	25		
EAA4	Média	6,30	6,56	0,685	Não = Sim
	Mediana	6,50	7,00		
	Desvio-padrão	2,18	2,18		
	N	20	25		
EAA5	Média	3,80	5,00	0,153	Não = Sim
	Mediana	3,50	5,00		
	Desvio-padrão	2,42	2,83		
	N	20	25		
EAA6	Média	7,65	7,60	0,528	Não = Sim
	Mediana	9,00	8,00		
	Desvio-padrão	2,08	1,61		
	N	20	25		
EAA7	Média	7,25	7,60	0,589	Não = Sim
	Mediana	7,00	8,00		
	Desvio-padrão	1,65	1,19		
	N	20	25		
EAA8	Média	7,80	8,20	0,592	Não = Sim
	Mediana	9,00	9,00		
	Desvio-padrão	1,82	1,19		
	N	20	25		
EAA9	Média	5,75	6,04	0,603	Não = Sim
	Mediana	6,00	7,00		
	Desvio-padrão	2,49	2,76		
	N	20	25		
EAA10	Média	6,00	7,04	0,164	Não = Sim
	Mediana	6,50	7,00		
	Desvio-padrão	2,51	1,99		
	N	20	25		

Continua

Continuação

Tabela 10 - Comparativo entre os grupos quanto às questões da EAA.

		Relação extraconjugal		Teste de Mann-Whitney (p)	Resultado
		Não	Sim		
EAA11	Média	6,15	7,00	0,316	Não = Sim
	Mediana	7,00	8,00		
	Desvio-padrão	2,74	2,20		
	N	20	25		
EAA12	Média	4,95	6,48	0,051 (tendência)	Não = Sim
	Mediana	5,50	7,00		
	Desvio-padrão	2,78	2,55		
	N	20	25		
EAA13	Média	6,95	6,96	0,468	Não = Sim
	Mediana	7,00	8,00		
	Desvio-padrão	1,67	2,47		
	N	20	25		
EAA14	Média	6,45	6,64	0,771	Não = Sim
	Mediana	7,00	7,00		
	Desvio-padrão	2,33	2,27		
	N	20	25		
EAA15	Média	7,20	7,24	0,953	Não = Sim
	Mediana	7,00	8,00		
	Desvio-padrão	1,94	1,81		
	N	20	25		
EAA16	Média	6,85	7,12	0,467	Não = Sim
	Mediana	7,00	8,00		
	Desvio-padrão	1,81	2,09		
	N	20	25		
EAA17	Média	7,95	7,80	0,990	Não = Sim
	Mediana	8,00	9,00		
	Desvio-padrão	1,32	1,66		
	N	20	25		
EAA18	Média	8,80	8,40	0,105	Não = Sim
	Mediana	9,00	9,00		
	Desvio-padrão	,52	,96		
	N	20	25		
EAA19	Média	7,05	7,36	0,631	Não = Sim
	Mediana	7,00	8,00		
	Desvio-padrão	1,85	1,63		
	N	20	25		
EAA20	Média	6,70	6,32	0,762	Não = Sim
	Mediana	7,00	7,00		
	Desvio-padrão	2,15	2,58		
	n	20	25		
EAA21	Média	3,90	4,64	0,384	Não = Sim
	Mediana	4,00	5,00		
	Desvio-padrão	2,79	3,03		
	N	20	25		

Continua

Continuação

Tabela 10 - Comparativo entre os grupos quanto às questões da EAA.

		Relação extraconjugal		Teste de Mann-Whitney (p)	Resultado
		Não	Sim		
EAA22	Média	6,85	6,72	0,861	Não = Sim
	Mediana	8,00	8,00		
	Desvio-padrão	2,46	2,42		
	N	20	25		
EAA23	Média	7,50	7,72	0,406	Não = Sim
	Mediana	8,00	8,00		
	Desvio-padrão	1,36	1,59		
	N	20	25		
EAA24	Média	5,50	5,92	0,652	Não = Sim
	Mediana	5,00	7,00		
	Desvio-padrão	2,61	2,41		
	N	20	25		
EAA25	Média	7,45	7,92	0,304	Não = Sim
	Mediana	8,00	8,00		
	Desvio-padrão	1,54	1,35		
	N	20	25		
EAA26	Média	6,25	6,72	0,390	Não = Sim
	Mediana	6,00	7,00		
	Desvio-padrão	2,29	2,09		
	N	20	25		
EAA27	Média	6,65	7,04	0,561	Não = Sim
	Mediana	7,00	7,00		
	Desvio-padrão	1,98	1,74		
	N	20	25		
EAA28	Média	5,60	6,36	0,140	Não = Sim
	Mediana	6,00	8,00		
	Desvio-padrão	2,28	2,80		
	N	20	25		
EAA29	Média	7,20	7,12	0,878	Não = Sim
	Mediana	7,50	8,00		
	Desvio-padrão	1,74	2,11		
	N	20	25		
EAA30	Média	6,50	6,84	0,953	Não = Sim
	Mediana	7,00	7,00		
	Desvio-padrão	2,70	1,99		
	N	20	25		

Fonte: Autora

Conclusão.

A questão “EAA12- Eu vou amar a (o) __para sempre” foi quase significativa (p entre 0,05 e 0,10) no sentido de maiores valores para o grupo dos que têm

relacionamento extraconjugal. Evidencia, assim, a fantasia que se deposita quando se está apaixonado.

Tabela 11 - Comparativo entre os grupos quanto às questões da EAT.

		Relação Extraconjugal		Teste de Mann-Whitney (p)	Resultado
		Não	Sim		
EAT1	Média	2,45	2,64	0,609	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	1,47	1,66		
	N	20	25		
EAT2	Média	2,60	2,44	0,803	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	1,50	1,39		
	N	20	25		
EAT3	Média	2,00	2,20	0,690	Não = Sim
	Mediana	1,00	1,00		
	Desvio-padrão	1,34	1,41		
	N	20	25		
EAT4	Média	3,85	3,60	0,590	Não = Sim
	Mediana	4,00	4,00		
	Desvio-padrão	1,42	1,47		
	N	20	25		
EAT5	Média	3,75	4,00	0,308	Não = Sim
	Mediana	4,00	4,00		
	Desvio-padrão	1,12	1,22		
	N	20	25		
EAT6	Média	2,95	2,76	0,707	Não = Sim
	Mediana	3,00	2,00		
	Desvio-padrão	1,32	1,56		
	N	20	25		
EAT7	Média	2,55	2,76	0,795	Não = Sim
	Mediana	2,00	3,00		
	Desvio-padrão	1,43	1,67		
	N	20	25		
EAT8	Média	3,05	2,16	0,057	Não = Sim
	Mediana	3,00	2,00		
	Desvio-padrão	1,57	1,43		
	N	20	25		
EAT9	Média	2,75	2,84	0,888	Não = Sim
	Mediana	2,00	3,00		
	Desvio-padrão	1,52	1,55		
	N	20	25		
EAT10	Média	3,95	4,00	0,322	Não = Sim
	Mediana	4,00	5,00		
	Desvio-padrão	1,05	1,44		
	N	20	25		

Continua

Continuação

Tabela 11 - Comparativo entre os grupos quanto às questões da EAT.

		Relação Extraconjugal		Teste de	Resultado
		Não	Sim	Mann-Whitney (p)	
EAT11	Média	2,65	2,64	0,972	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	1,53	1,50		
	N	20	25		
EAT12	Média	2,40	2,48	0,906	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	1,31	1,45		
	N	20	25		
EAT13	Média	2,05	2,40	0,311	Não = Sim
	Mediana	1,00	2,00		
	Desvio-padrão	1,50	1,47		
	N	20	25		
EAT14	Média	2,25	2,16	0,711	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	1,16	1,25		
	N	20	25		
EAT15	Média	2,35	2,52	0,569	Não = Sim
	Mediana	2,50	3,00		
	Desvio-padrão	1,35	1,23		
	N	20	25		
EAT16	Média	2,40	2,64	0,603	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	1,27	1,41		
	N	20	25		
EAT17	Média	2,40	3,12	0,129	Não = Sim
	Mediana	2,00	3,00		
	Desvio-padrão	1,43	1,62		
	N	20	25		
EAT18	Média	3,60	3,72	0,840	Não = Sim
	Mediana	4,00	4,00		
	Desvio-padrão	1,43	1,31		
	N	20	25		
EAT19	Média	4,05	4,40	0,765	Não = Sim
	Mediana	5,00	5,00		
	Desvio-padrão	1,50	,96		
	N	20	25		
EAT20	Média	2,20	3,00	0,052 (quase significativa)	Não = Sim
	Mediana	2,00	3,00		
	Desvio-padrão	1,44	1,35		
	N	20	25		

Fonte: Autora

Conclusão

A questão “EAT20 - Procurar significados ocultos nos filmes e peças de teatro distrai do prazer que proporcionam” foi quase significativa (p entre 0,05 e 0,10) apresentando maiores valores para o grupo com relação extraconjugal.

Tabela 12 - Comparativo entre os grupos quanto às questões da EIB.

		Relação extraconjugal		Teste de Mann-Whitney (p)	Resultado
		Não	Sim		
EIB1	Média	2,55	2,92	0,147	Não = Sim
	Mediana	2,00	3,00		
	Desvio-padrão	,83	,81		
	N	20	25		
EIB2	Média	2,10	2,16	0,717	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	,85	,80		
	N	20	25		
EIB3	Média	2,20	2,88	0,024*	Não < Sim
	Mediana	2,00	3,00		
	Desvio-padrão	1,01	,93		
	N	20	25		
EIB4	Média	1,75	1,68	0,909	Não = Sim
	Mediana	1,00	1,00		
	Desvio-padrão	1,07	,85		
	N	20	25		
EIB5	Média	2,00	1,96	0,883	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	,86	,84		
	N	20	25		
EIB6	Média	2,65	2,28	0,217	Não = Sim
	Mediana	3,00	2,00		
	Desvio-padrão	,93	1,06		
	N	20	25		
EIB7	Média	2,70	2,60	0,736	Não = Sim
	Mediana	2,50	2,00		
	Desvio-padrão	1,03	1,12		
	N	20	25		
EIB8	Média	3,05	2,84	0,497	Não = Sim
	Mediana	3,00	3,00		
	Desvio-padrão	,69	,94		
	N	20	25		
EIB9	Média	2,70	2,88	0,484	Não = Sim
	Mediana	3,00	3,00		
	Desvio-padrão	,86	,88		
	N	20	25		
EIB10	Média	2,45	2,36	0,837	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	,94	,81		
	N	20	25		
EIB11	Média	2,35	1,92	0,182	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	,99	,81		
	N	20	25		

Continua

Continuação

Tabela 12 - Comparativo entre os grupos quanto às questões da EIB.

		Relação extraconjugal		Teste de Mann-Whitney (p)	Resultado
		Não	Sim		
EIB12	Média	2,75	2,84	0,726	Não = Sim
	Mediana	3,00	3,00		
	Desvio-padrão	,72	,55		
	n	20	25		
EIB13	Média	3,00	3,12	0,635	Não = Sim
	Mediana	3,00	3,00		
	Desvio-padrão	,73	,78		
	n	20	25		
EIB14	Média	2,00	2,00	0,845	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	,97	,82		
	n	20	25		
EIB15	Média	2,60	3,08	0,152	Não = Sim
	Mediana	2,50	3,00		
	Desvio-padrão	1,14	1,00		
	n	20	25		
EIB16	Média	1,70	1,84	0,710	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	,73	,90		
	n	20	25		
EIB17	Média	1,80	2,24	0,098 (tendência)	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	,70	,88		
	n	20	25		
EIB18	Média	1,95	1,92	0,913	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	,83	,76		
	n	20	25		
EIB19	Média	2,05	2,28	0,417	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	,76	,74		
	n	20	25		
EIB20	Média	2,65	2,60	0,990	Não = Sim
	Mediana	3,00	3,00		
	Desvio-padrão	,75	,91		
	n	20	25		
EIB21	Média	1,70	1,88	0,411	Não = Sim
	Mediana	1,00	2,00		
	Desvio-padrão	1,08	1,01		
	n	20	25		
EIB22	Média	2,45	2,32	0,688	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	1,15	1,18		
	n	20	25		
EIB23	Média	1,90	2,24	0,180	Não = Sim
	Mediana	1,50	2,00		
	Desvio-padrão	1,07	,93		
	n	20	25		

Continua

Continuação

Tabela 12 - Comparativo entre os grupos quanto às questões da EIB.

		Relação extraconjugal		Teste de	Resultado
		Não	Sim	Mann-Whitney (p)	
EIB24	Média	2,15	1,92	0,711	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	1,09	,70		
	n	20	25		
EIB25	Média	2,10	1,76	0,366	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	1,17	,93		
	n	20	25		
EIB26	Média	3,15	2,64	0,031*	Não > Sim
	Mediana	3,00	3,00		
	Desvio-padrão	,81	,81		
	n	20	25		
EIB27	Média	2,35	2,52	0,539	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	,75	,77		
	n	20	25		
EIB28	Média	2,35	2,16	0,481	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	,81	,94		
	n	20	25		
EIB29	Média	2,55	2,60	0,877	Não = Sim
	Mediana	2,00	2,00		
	Desvio-padrão	1,05	1,08		
	n	20	25		
EIB30	Média	2,70	2,96	0,383	Não = Sim
	Mediana	2,50	3,00		
	Desvio-padrão	,92	1,06		
	n	20	25		

Fonte: Autora

Conclusão

A questão “EIB03 - Eu tomo decisões rapidamente” foi significativa por apresentar maiores valores para o grupo com relacionamentos extraconjugais, o mesmo acontecendo para a questão “EIB17- Eu ajo por impulso” que foi quase significativa (p entre 0,05 e 0,10) para esse mesmo grupo. A “EIB26 - Enquanto estou pensando em uma coisa, é comum que outras idéias me venham à cabeça ou ao mesmo tempo” foi significativa por apresentar maiores valores para o grupo dos que não têm relacionamentos extraconjugais.

6. DISCUSSÃO

A paixão, os relacionamentos extraconjugais e o casamento são temas interligados que instigam os homens desde os tempos remotos. Apesar das incontáveis tentativas científicas em busca de padrões e de respostas para os temas que abordam as nuances dos desejos humanos, ainda buscamos teorizações mais precisas a respeito da intrigante e inexata subjetividade dos apaixonados. A paixão tem como característica elementar a ativação da criatividade e do desejo, permitindo ao apaixonado ‘arriscar-se em si’. Não há junção, fusão. Há o encontro de duas pessoas e a possibilidade de usufruir das qualidades subjetivas do casal. Há a preservação da alteridade sem a aniquilação da subjetividade de um em prol do encontro. Essa definição contraria, portanto, a ideia abordada por Silva (2002) que a denomina como invasiva, associando tal sentimento à perda de controle. A esse respeito, Chauí (1987), conclui: “... a paixão há de ser domada. Signo de uma razão desnaturada, para o estoico, e de uma vontade perversa, para o cristão, a paixão é risco de animalidade.”

No texto “Sobre o Narcisismo”, Freud (1914/1996b) menciona dois tipos de ligações na escolha de objeto que são: analítica que remete às figuras de cuidado originárias (pai e mãe ou cuidadores) e a narcísica que remete à escolha de um objeto semelhante a si mesmo.

Ao abordar o tema do narcisismo nas relações conjugais, é importante mencionar as escolhas amorosas que se configuram no modelo fusional, nas quais há repetição de padrões infantis. Vínculos amorosos saudáveis partem do pressuposto de que a dupla amorosa possa constituir duas subjetividades. Tal modelo pretende negar o atendimento da promessa estabelecida nos casamentos cristãos, nos quais o juiz religioso pede ao casal votos de “tornarem-se um” a partir do momento de união de corpos contratada no templo religioso. Tal promessa soa patológica e minimamente impraticável em termos psíquicos saudáveis.

A insensatez do desejo humano, ora submetido à moral, ora submetido ao prazer, desperta um colapso na subjetividade do homem apaixonado, inserindo-o em um questionamento existencial: fidelidade à moral ou fidelidade ao desejo?

Ao considerar a psicanálise freudiana, a infidelidade conjugal é justificada pela ambivalência do atendimento do desejo poligâmico e consequente obtenção de

prazer em relações monogâmicas, que tem por contrato objetivo/subjetivo a repressão do desejo.

A tônica dos apaixonados é a transgressão, o correr risco, o testar os limites na ávida conquista do outro, objeto de sua paixão. Apesar da constatação da impossibilidade de realização de seu desejo, o apaixonado se alimenta de expectativas e investe sua libido no outro. Tal concepção diverge da constatação de Freud (1914/1996a), para quem o apaixonado está em busca de complemento para seu eu desejante. Ao se pensar o homem como ser faltante, encontra-se uma justificativa para as inquietações freudianas anunciadas em um artigo a respeito da psicologia do amor intitulado "Sobre a mais geral degradação da vida amorosa" (1912/2006), no qual o autor afirma existir algo "na própria natureza da pulsão sexual desfavorável à realização da satisfação plena". A esse respeito, em "Toten e Tabu" (1914/1996a), o autor, ao considerar as relações do sujeito com o social, ressalta que a organização do desejo ocorre por meio do estabelecimento de fronteiras com o interdito. Ao conceber o homem desejante e insatisfeito inferem-se as escolhas de objeto, inevitavelmente insatisfatórias. Portanto, os encontros tornam-se desastrosos por reeditarem a situação de incompletude.

Na contemporaneidade, o homem, herdeiro da tradição romântica, frente à ambivalência de seu desejo que floresce em sua constituição psíquica "faltante", também busca segurança na ilusão de satisfação condicionada tão somente à constância do objeto. Tal constância pode ser simbolizada pelo bebê que obtém segurança ao se perceber, diariamente, cuidado pela mesma pessoa. O bebê, ao perceber a possibilidade de experimentar um colo diferente do conhecido, se depara com uma situação desejante ambivalente: assim, alguns bebês se arriscam guiados pela fantasia de um encontro que ofereça maior satisfação e outros paralisam, pois temem, em fantasia, que a experiência os coloque em uma situação caótica e de perda.

Partindo da premissa de que o desejo em uma compreensão da psicanálise freudiana se inicia com a perda do objeto originário (figuras parentais) e acrescentando a inevitável conflitiva que se instala com a castração edípica, como elementos primordiais para o prosseguimento de um desenvolvimento saudável, o período que inaugura essa sequência de crises é a primeira infância. Esse período, considerado primordial na existência psíquica, proporciona contatos intensos e

constantes com experiências de insatisfação pelas frustrações e falta, que permearão a existência até a morte, momento ambivalente, 'rechaçado' em função da revelação da finitude e desejado por findar a batalha pulsional que acompanhou a existência humana. As repetidas frustrações e desencontros inserem no homem uma contínua busca por novos objetos que possam oferecer momentos de prazer e satisfação. Ao se considerar que o desejo é sustentado por fantasias, nunca se encontrará um parceiro amoroso que satisfaça plenamente.

Plenitude remete o ser humano a um vínculo fusional inviabilizado com o nascimento biológico, que o castra na sustentação inesgotável de vida e o inscreve em conflitos de sobrevivência. Isso é confirmado ao longo do desenvolvimento, uma vez que o homem saudável caminha rumo à independência física e psíquica. A falta constatada leva o desejo do sujeito em direção a vários objetos que certamente não oferecerão experiência ideal de plenitude. No entanto, é somente na vida adulta que o homem pode lidar de maneira mais tranquila com sua falta, após recorrentes frustrações na busca de parceiros amorosos.

Na tentativa de compreender o desejo, alguns autores o relacionaram à fantasia. A respeito do binômio desejo/fantasia, Ferreira, N. P. (2004) afirma: "O desejo, ao contrário do amor, faz parte da estrutura subjetiva. Em função da marca fundamental dessa estrutura, que é uma falta radical, o homem inventou o amor e seus mitos" (p.12).

Tal reflexão leva à constatação de que as relações amorosas com pessoas que despertam o desejo não ocorrem pelo fato de o outro poder oferecer a experiência de fusão, mas, pela fantasia que mantém o desejo amoroso.

O encontro de olhares encantados não configura, necessariamente, uma paixão, mas pode ser o primeiro momento de uma vivência estrondosa, transgressora, transbordante que pode contaminar a subjetividade do indivíduo de maneira benéfica e transformadora. Como todas as situações vitais, a paixão pode, narcisicamente, arrebatá-lo o indivíduo de si mesmo levando-o à vivência de perda do limite pessoal e relacional, como também pode instalar uma vivência de enlouquecimento, portanto, patológica.

O apaixonado, antes de estar com o outro, precisa estar consigo mesmo, ciente de seus limites para, então, acessar os contornos do outro sem demandar incondicionalidade emocional ou presença física constante. O encontro não ocorre

nesta inscrição de obrigatoriedade, comum nas relações contratadas, mas na espontaneidade adquirida pela criatividade dos amantes.

As definições da paixão descritas por diversos autores (Sigmund Freud, Piera Aulagnier, Marazziti & Baroni (2012), Hendrick & Hendrick (2006), e outros) permitem refletir a riqueza do fenômeno da paixão, cuja manifestação afetiva assimétrica, quando sustentada egoicamente pelo apaixonado, possibilita não só o aprofundamento deste em si mesmo, favorecendo as relações amorosas, mas também a diferenciação do apaixonado em relação ao outro. Apesar de vivida como experiência excessiva e difícil de ser controlada pela razão, a paixão não é compreendida como desrazão muito menos como perda de si mesmo. Assim, é experiência de 'si' com o outro e passível de ser vivenciada e compreendida em um momento do desenvolvimento pessoal caracterizado por espontaneidade e criatividade na vida adulta. Pressupõe, portanto um "eu" cujas conflitivas existenciais não inviabilizam tal vivência, apesar do julgamento social.

A construção do "Eu" inicial na psicanálise freudiana alude fatalmente ao outro. No entanto, até a segunda metade da vida, algumas pessoas realizam a reinstalação de si com requintes individuais que podem permitir vivências criativas e, por vezes, arriscadas em termos de padrões sociais.

Para Rocha (2008), é possível considerar dois destinos marcados da paixão: um de uma fase normal, mas ilusória de experiência amorosa, e outro, configurado como experiência patológica da vida psíquica. Os achados desse autor sustentam a afirmação de Stendhal (1822/1992): "um pouco de paixão aumenta o espírito, demasiada apaga-o".(p.101)

Ao refletir esses achados não há lugar para a paixão aqui abordada, ou melhor, a paixão considerada fenômeno saudável que permite encontro de "si" com o outro.

O termo "excesso" da definição do termo paixão, se interpretado como excesso que patologiza, inviabiliza a proposta desta pesquisa que aborda o excesso da paixão como vivência sustentada egoicamente pelo apaixonado e que, portanto, não necessariamente o insere em um quadro patológico. As vivências de emoções excessivas não são determinantes de patologias em pessoas que suportam e lidam com a emoção transbordante.

Os dois grupos estudados não apresentaram diferenças significativas nos índices relativos à paixão e ao apego, o que não permite afirmar alusão, especificamente, ao fenômeno paixão. Entretanto, foi verificada a possibilidade de existência de dois grupos mentalmente saudáveis, que lidam adequadamente com seus afetos, havendo um bom relacionamento com um ou dois parceiros, sem que haja prejuízo funcional.

Em um viés de pulsão de morte, Martins (1994) compreende a paixão em que há prevalência do sofrimento em detrimento do prazer. A esse respeito, o autor afirma: "As paixões são experiências verdadeiramente páthicas, visto que são sofridas, nas quais o sujeito se deixa levar por, se deixa con-vocar por."

Refletindo a afirmação do autor em um viés de pulsão de vida, o sofrimento da vivência da paixão não se justifica pelo fato de se deixar "levar por", muito menos pelo se deixar "con-vocar por". Tais fatos esperados no encontro com "o outro pelo qual me apaixono" são frutos do envolvimento do apaixonado e, como qualquer vivência humana, pressupõe sofrimento. No entanto, sofrimento que não adoece, mas que faz parte da experiência humana.

Assim, embora não seja possível, neste trabalho, afirmar sobre a presença, ou não, da paixão em ambos os grupos, pode-se aventar a possibilidade desse segundo parceiro representar, exatamente, a manifestação de pulsão de vida em contraposição à estagnação da relação institucional.

A ambiguidade da paixão é frequentemente abordada em suas diversas definições e compreensões a respeito do sujeito e de sua existência.

A paixão vivida na segunda metade da vida não pressupõe reconstrução de uma paixão idealizada que, ilusoriamente, mitiga a falta e o desamparo originários da existência humana. Ao se constatar e compreender-se faltante, o homem se vê frente a um impasse existencial que lhe oferta duas alternativas de continuidade: a) ignorar o desamparo e iludir-se em um apaixonamento narcísico (retorno a fixações infantis); b) constatar o desamparo e buscar nos encontros apaixonados estados de êxtase "com o outro" que não pressupõem vivência ilusória de completude.

Araújo (2002), ao afirmar: "O amor, no sentido moderno de consensualidade, escolha e paixão amorosa, não existia no casamento, sendo, em geral, vivenciado nas relações de adultério." (...), já denunciava a intriga dos desejos que ligam os temas das paixões.

As regras da sociedade aprisionam o desejo humano, embora tenham sido descritas pelos próprios homens, caracterizando, portanto, um grande paradoxo. Tal questão pode ser exemplificada com a censura do ato transgressor que é objeto de discussões e críticas. Atende os desejos ocultos daqueles que o censuram e, ao mesmo tempo, limita o desejo de outros. Isso caracteriza o paradoxo da rigidez superegoica que se manifesta algoz e vítima.

Em "Mal-estar na Civilização", Freud (1930/1996) apresenta o calabouço inconsciente do desejo, caixa de Pandora, cujo conteúdo nem sempre se alinha à moral humana, mas permite a descoberta dolorosa do próprio homem. O autor anuncia a dificuldade de convivência em sociedade e de atendimento dos desejos humanos. Apesar do conflito, da solidão e das dificuldades do casado em uma vivência extraconjugal, ainda há energia que impulsiona a vivência dos estados de paixão, conceituados por Levinzon (2010) como o motor da alma humana. Esses estados trazem cor e vida aos relacionamentos, permitindo que os apaixonados se unam criativamente.

A paixão amorosa arrebatava os homens e o desejo que a impulsiona não tem sexo nem gênero.

Destaca-se, neste trabalho, um número significativamente maior (73,3%) de mulheres, o que pode configurar um viés.

Ayres (2017) em "Reflexões e estatísticas importantes sobre a infidelidade" apresenta resultados do IBGE de que 57% dos homens e 54% das mulheres admitem que já traíram, seja real ou virtualmente. Tal resultado foi discutido pela autora que hipotetiza que as mulheres escondem que traem melhor que os homens, então há menos casos conhecidos de traição feminina que masculina. Essa discussão vai ao encontro de achados deste trabalho que apresentou 73,3% de mulheres apaixonadas vivendo em uma relação extraconjugal.

A família contemporânea, para Canezin (2007), tornou-se uma possibilidade de conforto e refúgio em função da conquista de autonomia plena da mulher para escolher e decidir sobre sua vida amorosa ou profissional.

Com relação à vida amorosa, foi observado que as mulheres participantes da pesquisa e que vivenciam relações extraconjugais anunciam uma quebra paradigmática da esposa submissa ao marido. Os papéis femininos se restringiam, na sociedade, à procriação, cuidado do lar, obediência ao esposo-chefe, sem

quaisquer outras pretensões pessoais. Tais papéis eram determinados pelas normas sociais e concebidos como naturais. O casamento estabelecia atribuições e direitos distintos para os gêneros, cujas funções eram desiguais com dominação do feminino pelo masculino.

A assunção de uma relação extraconjugal revela a necessidade de atendimento das emergências individuais do desejo, independente de gênero e da situação matrimonial.

Outro fator relevante apresentado nesta pesquisa se refere a indivíduos apaixonados em relações extraconjugais que apresentam idade média maior (Média: 44,8 anos) que o grupo de casados (Média: 38,9 anos). Isso mostra que a aceção de um relacionamento extraconjugal pode estar ligada a uma disponibilidade pessoal, geralmente desfrutada com mais qualidade na vida adulta, bem como à busca de individuação.

Para Sánchez e Roel (2001), o envelhecer é determinado não só pela cronologia, mas também pela condição social na qual se encontra a pessoa em questão, além de ser um processo fortemente afetado pelas singularidades individuais.

A reflexão dos autores supracitados é corroborada pelos achados de Antunes (2007), que se utiliza das subdivisões de Mosquera e Stobäus (1982) para descrever a vida adulta. Essa etapa é referida pelo autor como “adulter”, fenômeno do desenvolvimento humano permeado por novas responsabilidades, novos referenciais de existencialidade e por novas conquistas.

A respeito da vida adulta, Mosquera e Stobäus (1982) afirmam que, na segunda fase da vida adulta, nomeada adulter média, há grande probabilidade de o homem ter alcançado seus objetivos particulares de família constituída, de empregabilidade e de moradia. Tal segurança é acompanhada de uma tendência à extroversão, isto é, uma visualização para o mundo exterior.

Assim, os indivíduos pesquisados mostram-se mais libertos para si, para a satisfação de seus desejos e, portanto, se permitem a vivência dos seus desejos individuais que incluem o apaixonamento.

O tempo de casamento dos dois grupos não apresentou diferença significativa (Média dos dois grupos sem relação extraconjugal e com relação extraconjugal, respectivamente, 13,5/13,4). Esse dado leva à conclusão de que o fato de o casamento dos indivíduos ser de longo prazo não justifica o estabelecimento de um

relacionamento extraconjugal, não sendo a rotina do casamento ou o cansaço da relação marital os motivadores desse tipo de relação. Tais achados contrariam a concepção de Bolsanello (2000), ao afirmar que quanto mais longo for o casamento, maiores as possibilidades de desilusão.

A respeito dos motivos da decisão de uma relação extraconjugal, Menezes et al (2005) encontrou nos relatos de pessoas infiéis que a perda da atração pelo companheiro foi um dos motivos que a levaram à traição. Tais achados foram corroborados por Matarazzo (2000) que afirma que as pessoas traem em um casamento, pois houve deterioramento do desejo, das fantasias sexuais, permitindo assim a inclusão de uma terceira pessoa para preencher o vazio.

Não foram encontradas diferenças na escala de amor apaixonado. Se fossem considerados seus componentes, eleitos pelos autores Hatfield e Sprecher (1986), a hipótese deste trabalho poderia ser contrariada. A respeito do componente emocional, houve pontos divergentes e pontos de concordância entre os referidos autores.

A paixão adulta não pressupõe desejo de reciprocidade, de união completa e permanente. Ao ser considerada vivida nos relacionamentos extraconjugais, não há expectativa de troca permanente, por não poder contar com o retorno objetivo do outro.

Ao abordar as relações extraconjugais, Prado (2009) afirma: “muitos dos segredos familiares têm em seu cerne algum relacionamento extraconjugal, seja pela carga imensa de passionalidade, bem como pelas implicações morais”. O autor acrescenta que as relações extraconjugais têm objetivos variados: aqueles voltados apenas para o prazer sexual ocasional, até os que estabelecem casos amorosos envolventes.

O apaixonamento em uma relação extraconjugal e a manutenção do casamento levaram a reflexões relativas aos objetivos da instituição monogâmica. Essa última tem por finalidade a preservação dos bens da família e possibilita manter a legitimidade dos filhos para a passagem dos bens familiares.

A respeito do componente comportamental, as autoras Hatfield e Sprecher (1986) afirmaram que o apaixonado age para conseguir entender o sentimento da pessoa amada e saber se é correspondido.

Por não haver garantia de obtenção de proximidade física nos momentos em que a deseja, na paixão adulta a compreensão de ser ou não correspondido pelo

outro é de difícil atingimento. A paixão adulta, assim, exige do apaixonado estar bem consigo a ponto de dar conta da frustração de não ter o objeto de sua paixão nos momentos em que deseja.

A vivência de um relacionamento tem objetivos que não podem ser vislumbrados na instituição ou no contrato de casamento, tornando os modelos de relação incomunicáveis a respeito das possibilidades afetivas de cada um.

Um exemplo dessa impossibilidade encontrado na literatura é ilustrado no relacionamento triangular de Simone de Beauvoir, Jean Paul Sartre e o amante. Segundo Goldenberg (2013), ao realizar a leitura das cartas a Nelson Algren, encontrou uma Simone de Beauvoir que faria qualquer coisa para manter o amante, exceto se separar de Sartre. Tal situação discutida pela autora se justifica pela estabilidade marital. Afinal, o casamento considerado funcional ao homem permite-lhe segurança, típica das relações contratadas.

Simone de Beauvoir (2000) distinguiu três tipos de relação: uma baseada na amizade, a segunda limitada ao sexo e a terceira voltada ao amor verdadeiro e total, por reunir amizade e sexo. Para a autora, a relação com o amante era a mais completa das três. Tal fato não viabilizou o casamento com o amante nem a separação de Sartre. Ao afirmar que a única fidelidade possível é a exercida com liberdade e não compulsoriamente, Simone de Beauvoir (2000) concorda com a ideia aqui discutida de que a satisfação dos desejos na presença de outro, não aprisionado por contratos, configura a paixão adulta, livre de cobranças que permite a liberdade subjetiva, apesar do excesso de emoção vivido pelo casal.

Nos resultados analisados, o grupo com relações extraconjugais não apresentou padrão alterado de apego comparado ao grupo de casados. A maioria dos apegos verificados foram apegos seguros, delimitados por Bowlby (1799-1890) como aqueles em que a criança desenvolve extrema confiança na disponibilidade dos pais em suprir suas necessidades, obtendo respostas amáveis, protetoras e encorajadoras às suas solicitações. Esse estilo permite que se desenvolva uma relação amigável, permitindo estabelecimento de intimidade com as figuras dos pais e possibilitando um fluxo livre de conversação. Oferece à pessoa segurança para exploração do mundo ao seu redor, possibilitando a construção de respostas mais confiantes e favoráveis na relação com o outro.

No que diz respeito ao apaixonamento, essas pessoas (vivendo ou não uma relação extraconjugal) apresentam expressiva manifestação de apego. Ao

desenvolverem um estilo de apego seguro, descrito por Bowlby (1979), os grupos participantes têm maior tolerância às frustrações e apresentam maior facilidade ao lidarem com a ruptura de seus relacionamentos amorosos e, portanto, com os excessos do apaixonamento. Pela teoria do apego por regulação (Cozolino, 2014), essas pessoas, em função dos apegos seguros, apresentam maior possibilidade de regular suas emoções; sendo assim, são capazes de lidar melhor com seus impulsos por meio da regulação de suas emoções. Tal fato permite concluir que esses indivíduos analisados se manifestam autônomos com possibilidade de buscar apego.

Ambos os grupos pesquisados apresentaram um estilo de apego seguro, portanto, desenvolvem relações de confiança, estabelecendo intimidade e vivenciando relações favoráveis com o outro.

Os autores Shaver, Hazan e Bradshaw (1988), ao avaliarem a relação entre os estilos de apego e os de amor romântico na vida adulta, concluíram que os indivíduos com estilo de apego seguro, por considerarem o amor como positivo e amigo, podem lidar saudavelmente com a distância do parceiro. Tal constatação vai ao encontro, principalmente, do grupo de apaixonados que, por estabelecerem uma relação extraconjugal, necessitam lidar saudavelmente com a distância do parceiro, por não terem a possibilidade de desfrutar a presença do outro no momento desejado e sim no possível.

Ao contrário do que se poderia afirmar a respeito de uma relação fora do casamento que estaria relacionada a algo mais erótico, os casados com relação extraconjugal mostraram que o tipo de apego é satisfatório, independente do modelo de relação que se estabelece.

O grupo com relacionamentos extraconjugais não tem comprometimento com a saúde mental, ou melhor, não é disfuncional e não apresenta quadros psicopatológicos.

Não foram identificadas alterações de humor, ansiedade e de perda de controle sobre os sentimentos, pensamentos e comportamentos da população estudada. Não perderam o controle, apesar do excesso característico do apaixonamento e também não apresentaram pensamentos e comportamentos atípicos em função da situação vivida. Esses resultados divergiram dos achados de Costa e Rodrigues Júnior (1989) que encontraram alta ansiedade em pessoas que vivem relação extraconjugal principalmente em suas relações sexuais.

O excesso característico do apaixonamento e a vivência da extraconjugalidade não evidenciaram sintomatologia nos grupos estudados, mostrando que ambos podem estar associados à manifestação de saúde mental.

A maioria das questões relativas à expressão de afeto ou à expressão das próprias emoções e ao estado de ânimo não apresentaram diferenças significativas nos dois grupos analisados. Os participantes não apresentaram dificuldade para identificar sentimentos, sensações corporais, nem para descrever sentimentos para os outros e apresentaram o estilo de pensamento orientado para o exterior. No entanto, o grupo de apaixonados expressou diferença evidente no item que diz respeito a "procurar significados ocultos nos filmes e peças de teatro distrai do prazer que proporcionam" o que leva a pensar na busca de algo mais idealizado na subjetividade do apaixonado. Assim, o apaixonado se permite viver a situação subjetiva sem necessitar da compreensão objetiva que, por estar livre do contrato objetivo, pode fluir mais livremente. Afinal, não há como procurar significados no desejo, afinal não há exigência de contratá-lo em qualquer aspecto.

A respeito da complexidade dos desejos do homem, Goethe (1992), em "Afinidades Eletivas", apresenta a ambiguidade do amor-desejo. Haddad (2011) relata a respeito da ambiguidade do amor e do desejo referida por Goethe como sendo a responsável pela balança entre o indispensável de nossa natureza e nosso desejo de reconhecimento amoroso.

As paixões, representantes inquietas dos desejos do homem, abalaram o idealizado casamento, sua segurança e a fidelidade contratual. Tal constatação concorda com a idéia aqui defendida de que o desejo dos apaixonados, pela inviabilidade de ser vivenciado em uma relação cerceada pelas regras do casamento, acabou se realizando nas relações extraconjugais. No entanto, esses indivíduos permaneceram mantendo casamentos funcionais.

Os grupos expressaram afeto normalmente, levando a pensar que a dificuldade afetiva não impediu os indivíduos de viverem os relacionamentos extraconjugais.

Não foram encontradas diferenças significativas para os grupos em relação à impulsividade. No entanto, a questão da escala de impulsividade como "Apaixonar-se e assumir uma relação fora do casamento" apresentou-se significativa, pois exige do apaixonado maior habilidade na tomada de decisões e facilidade em direcionar a ação impulsiva de seu desejo.

Assumir uma relação fora do casamento por apaixonamento, conforme as conclusões de Jorge (2010), remete à ideia de que ao trair o outro, a pessoa não trai a si, permitindo um encontro consigo mesmo que, além de colaborar para o desenvolvimento da capacidade de ficar só, abre espaço para relacionamentos psicológicos.

Sophia (2008) encontrou impulsividade em relacionamentos de caráter patológico. Suas ideias vão ao encontro das ideias e achados deste trabalho que, por abordar relacionamentos apaixonados saudáveis, não identificou a impulsividade nos indivíduos pesquisados.

Outro resultado significativo para o grupo sem relação extraconjugal descreve: "enquanto estou pensando em uma coisa, é comum que outras ideias me venham à cabeça ou ao mesmo tempo", afinal, qualquer situação que tenha surgido como desejo para o grupo de não apaixonados permaneceu somente como uma ideia. Qualquer situação que coloque em dúvida sua estabilidade de vida permaneceu no plano das ideias para não infringir questões morais.

Ao contrário dos casados com relação extraconjugal, o grupo de casados não se deixa tomar pelo apaixonamento que invade a alma e se manifesta como única possibilidade do pensamento e emoção. Baleeiro (2013) associa as pulsões às paixões e afirma que mesmo estranha a nós, a paixão domina nossa vida mental.

Ambos os grupos não apresentaram diferença na busca de sensações e levaram em conta o potencial para tomada de riscos e a qualidade na busca de intensidade e novidade na estimulação sensorial. O resultado evidenciou a especificidade do público aqui analisado considerado adulto. Segundo Arnett (1994), o público adolescente é mais propenso a manifestar um potencial para tomada de riscos e possui uma qualidade de busca de intensidade e novidade. Esse público não foi alvo deste estudo. O enfoque foi a compreensão da paixão adulta/madura diferente da paixão Narcísica vivida na adolescência. Portanto, não encontrar diferenças significativas nos grupos estudados favoreceu a constatação da importante diferença apontada aqui entre a paixão Narcísica e a paixão adulta.

Na escala de propensão ao risco foram encontradas algumas questões que apresentaram resultados significativos, no sentido de maiores valores para o grupo de casados com relação extraconjugal.

As questões que apresentaram significância trazem elementos que reforçaram as hipóteses deste trabalho. Um deles diz respeito ao tema "traição com

outra pessoa”, que se manifestou com maior prevalência no grupo que mantém relações extraconjugais, visto que a manutenção de uma relação extraconjugal na sociedade é considerada uma infração, ou melhor, transgressão à lei contratual.

Saddi (2011) relata que a transgressão condensa e contrapõe o permitido e o proibido. Para a autora, o efeito erótico advém da união (permitido/proibido) e da superação da interdição pela transgressão. Ao refletir, concluiu que a interdição leva a vislumbrar os itens fundantes da civilização. Freud (1930/1996) já anunciava que o viés do desejo transgressor, na inviabilidade de seu atendimento, convidava os homens às transgressões e atitudes antissociais que o tornavam inimigo da civilização.

Outro tema significativo foi a preocupação que o indivíduo em relação extraconjugal tem ao assumir seu desejo (30- mostrar para o chefe ou professor o erro dos outros). Isso leva à constatação de culpa, por considerarem e, acima de tudo, não ignorarem os parâmetros sociais.

Assim, ficam reflexivos a respeito dessa situação. A culpa é amenizada quando diz respeito ao desejo transgressor, diferente dos que vivem uma relação extraconjugal, cuja transgressão é vivida não só no âmbito do desejo, mas também da ação.

A esse respeito, Cherman (1996) compara lealdade e fidelidade e alerta que ninguém é fiel em seu desejo. No momento em que se fantasia com outra pessoa já está sendo infiel. Afirma também que a lealdade é ser fiel ao próprio sentimento, mesmo que isto cause conflitos.

Os apaixonados em relações transgressoras compreendem que socialmente o ato é abominável e por isso refletem a respeito, pois sabem o risco que correm ao assumirem seus desejos. Isso remete à necessidade de ter sua individualidade não divulgada, resguardando uma vida menos pública e impessoal.

O trabalho de Blow e Hartnett (2005) confirma esses resultados. Consideram seus achados, a respeito da infidelidade, assunto delicado de se falar abertamente devido às percepções negativas da sociedade e também em função dos danos causados aos indivíduos nos seus relacionamentos, famílias e carreiras. Acrescentam que as pessoas que vivem relacionamentos extraconjugais temem que seus relatos confidenciais sejam revelados.

Existe, também, uma tendência a ter maior facilidade de lidar com situações de risco, característica da personalidade de pessoas apaixonadas. O apaixonamento

pressupõe lidar de uma maneira mais eficaz com situações de enfrentamento de risco. (32-reagir a um assalto)

Os apaixonados lidam com os conflitos dos seus desejos assumindo os riscos do apaixonamento.

As questões que dizem respeito a valor (3 - usar roupas de marca para se sentir atraente e 31- falar conquistas pessoais) apresentaram indícios de diferenças, pois os casados com relação extraconjugal acreditam no seu poder de sedução. São recursos objetivo/subjetivo(s) que podem ser utilizados como ferramentas de sedução.

Lejarraga (2003) constatou que, no mundo contemporâneo, as pessoas percebem a impossibilidade de reunir apaixonamento, desejo sexual e laço conjugal indissolúvel em uma relação e têm que lidar com o ônus de padecimentos, postergações e restrições eróticas. Essas pessoas frustradas com tal fato e inscritas na era do culto às satisfações imediatas acabam por encontrar meios compensatórios para situações não exploradas em sua subjetividade. Enquanto o grupo de casados com relação extraconjugal transgrediu para dar conta desta demanda imediata, o grupo de casados pareceu estar em busca de novos amigos e gastou mais impulsivamente.

A reflexão de Lejarraga e os achados deste trabalho parecem reforçar as conclusões de Costa (1998) a respeito da vivência humana de uma moral dupla resultante do desejo conflitante. O autor afirma:

“em suma, vivemos numa moral dupla: de um lado, a sedução das sensações; e do outro, a saudade dos sentimentos. Queremos um amor imortal e com data de validade marcada: eis sua incontornável antinomia e sua moderna vicissitude!” (Costa, 1998, p. 21).

Portanto, ao constatar que o desejo poligâmico não se encerra em um único parceiro, o homem busca vias de escape, sejam estas morais ou amorais.

7. CONCLUSÃO

A paixão é um sentimento que transborda sem caracterizar um descontrole, arrebatando, assim, a subjetividade do indivíduo de maneira benéfica e transformadora. Por inserir o indivíduo em uma vivência estrondosa, tem como característica elementar a ativação da criatividade e do desejo, permitindo ao apaixonado 'arriscar-se em si'.

Assim, é experiência de "si" com o outro e passível de ser vivenciada e compreendida em um momento do desenvolvimento pessoal caracterizado pela espontaneidade na vida adulta. Pressupõe, portanto um "eu" cujas conflitivas existenciais não inviabilizam tal vivência, apesar do julgamento social.

A paixão, os relacionamentos extraconjugais e o casamento são temas interligados que instigam a curiosidade dos homens desde os tempos remotos. Entretanto, tende a se considerar o amor como consequência do amadurecimento da paixão, devendo se expressar, obrigatoriamente, pela instituição casamento monogâmico.

Por apresentar como característica principal a experiência excessiva, difícil de ser controlada pela razão, a paixão pressupõe, entretanto, que o homem tenha acesso aos seus limites para lidar com emoções transbordantes, sem adoecer.

O termo "excesso" na definição do termo paixão, se interpretado como excesso que patologiza, inviabiliza a proposta desta pesquisa que aborda o excesso como vivência sustentada egoicamente pelo apaixonado e que, portanto, não necessariamente o insere em um quadro patológico. A vivência de emoções excessivas não é determinante de patologias em pessoas que suportam e lidam com a emoção transbordante.

O encontro dos apaixonados não pode ser compreendido como fusão com o outro. Há o encontro de duas pessoas e a possibilidade de usufruir das qualidades subjetivas, o que possibilita o estabelecimento da temperatura da conjugalidade.

Não existem diferenças entre os grupos com e sem relação extraconjugal no que se refere às suas características. Portanto, a relação extraconjugal não apresentou nenhum comprometimento psíquico ou funcional. Pessoas que estão vivendo uma relação extraconjugal não estão comprometidas em termos de psicopatologia, não se apresentam impulsivas e nem estão em busca de sensações.

Entretanto, podem estar, simplesmente, em busca de completude e de satisfação nem sempre presentes nos relacionamentos institucionalizados.

A insensatez do desejo humano, ora submetido à moral, ora submetido ao prazer, desperta um colapso na subjetividade do homem apaixonado, inserindo-o em um questionamento existencial: fidelidade à moral ou fidelidade ao desejo?

Ao considerar a psicanálise freudiana, a infidelidade conjugal é justificada pela ambivalência do atendimento do desejo poligâmico e consequente obtenção de prazer em relações monogâmicas, que têm por contrato objetivo/subjetivo a repressão do desejo.

Nas relações extraconjugais tem-se consciência de que as normas sociais são transgredidas e se reflete sobre isso. A transgressão, neste trabalho, é vivida, pelos colaboradores, como “não opressão a si mesmos”. Portanto, acabam por trair as regras sociais para não traírem a si mesmos. Assim, quando optam por trair, já que a traição é um fato humano, optam por trair a regra social. Afinal, encontram-se em um momento da vida (segunda metade) em que já viveram a regra como prioridade e se construíram sujeitos adaptados às regras sociais (primeira metade da vida).

Os sujeitos do grupo experimental (vivendo relação extraconjugal) podem ter aprisionados seus desejos transgressores na primeira metade da vida (até aproximadamente quarenta anos). Já na segunda metade se libertam e não mais traem a si e passam a transgredir as leis sociais para, enfim, atenderem seu desejo galopante de viver uma paixão.

Para viver essa relação transgressora, essas pessoas têm como característica a assunção de riscos. Estão buscando algo mais idealizado e mais duradouro enquanto afeto. Portanto, compensam menos com outras aquisições e não se apresentam impulsivas.

A assunção de uma paixão extraconjugal revela a necessidade de atendimento das emergências individuais do desejo, independente de gênero e da situação matrimonial.

Assim, os indivíduos pesquisados podem se mostrar mais libertos para si, para a satisfação de seus desejos e, portanto, se permitem a vivência dos seus desejos individuais que incluem o apaixonamento.

A dificuldade de responder as escalas de Likert que apresentam uma série de cinco proposições (concorda totalmente, concorda, sem opinião, discorda, discorda

totalmente), bem como o tamanho da amostra caracterizaram um viés nesta pesquisa. Assim, sugere-se que outras pesquisas possam ampliar e investigar aspectos não abordados, como exemplo a compreensão da personalidade dos apaixonados.

REFERÊNCIAS

- Abdo, C. H.N. (2004) *Estudo da vida sexual do brasileiro (EVSB)*. São Paulo: Bregantini.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation. Oxford, England: Lawrence Erlbaum.
- Almeida, T., & Mayor, A. S. (2006). O amar, o amor: uma perspectiva contemporâneo-ocidental da dinâmica do amor para os relacionamentos amorosos. In R. R. Starling & K. A. Carvalho (Orgs.), *Ciência do Comportamento*.
- Alvarenga, L.L. (1996). Uma leitura psicanalítica do laço conjugal. In T. Feres-Carneiro (Org.), *Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal*. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (Coletâneas da Anpepp no. 1).
- Ameno, A. (2000) *A função social dos amantes – na preservação do casamento monogâmico*. (3a ed.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Antunes, D.D. (2007) *Relatos significativos de professores e alunos na educação de jovens e adultos e sua auto-imagem e auto-estima*. (Dissertação Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Araújo, M. F. (2002). Amor, casamento e sexualidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 22(2), 70-77. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932002000200009>
- Aristóteles. (1984) *Ética a Nicômaco*. (Leonel Vallandro; Gerd Bornheim, trads.). São Paulo: Abril Cultural.
- Arnett, J. (1994). Sensation seeking: A new conceptualization and a new scale. *Personality and Individual Differences*, 16(2), 289-296. doi:10.1016/0191-8869(94)90165-1
- Assumpção, F.B. (2017) *Da Paixão: Sobre Um Fenômeno Humano*. São Paulo: Ateneu.
- Aulagnier, P. (1984) *Los destinos del placer: alienación–amor– pasión*. Barcelona: Argot.
- Aulagnier, P. (1985). Prazer necessário e Prazer Suficiente. In *Os Destinos do Prazer*. (p.139). Rio de Janeiro: Imago.

- Ayres C. A (2017) *A verdadeira razão porque homens e mulheres traem. Reflexões e estatísticas importantes sobre a infidelidade e 4 formas decisivas para quebrar o ciclo da traição*. Retirado de <https://familia.com.br/6405/por-que-os-conjuges-traem>
- Bagby, R. M., Parker, J. D. A., & Taylor, G. J. (1994). "The Twenty-Item Toronto Alexithymia Scale-I. Item selection and cross-validation of the factor structure." *Journal of Psychosomatic Research*, 38(1), 23-32. doi: [https://doi.org/10.1016/0022-3999\(94\)90005-1](https://doi.org/10.1016/0022-3999(94)90005-1)
- Baleeiro, M. C. (2013). O entardecer das paixões. *Cógito*, 14, 43-48. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151994792013000100009&lng=pt&tlng=pt.
- Barros, F.O. (2008) Tinha sido apenas um sorriso... e nada mais!. In. *Anais da 5 Jornada de direito e psicanálise*. (p.10). Curitiba: Lumen Juris.
- Barros e Silva, M. H. (2002). *A paixão silenciosa: uma leitura psicanalítica sobre as paixões amorosas*. São Paulo. Escuta.
- Bataille, G. (1987). L'érotisme. In *Oeuvres complètes*. (Tomo 10, pp. 7-270). Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1957).
- Beauvoir, S. O. (2000) *Cartas a Nelson Algren. Um amor transatlântico. 1947-1964*. (Teixeira, M. N., trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Beauvoir, S. O (2009) *Segundo Sexo*. (Vol 2). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado m 1949).
- Beck, A. (1995). *Para além do amor*. Rio de Janeiro: Record.
- Berlinck, M. (1998). O que é Psicopatologia Fundamental. *Psicologia Ciência e Profissão*, 17(2), 13-20. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931997000200003>
- Berti, M. P., Zilberman, M. L. , Sophia E. C. , Gorenstein, C., Pereira, A. P., Lorena, A., & Tavares, H. (2011). Validação de escalas para avaliação do amor patológico. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 38(4), pp.135-138. doi: 10.1590/ S0101-60832011000400004
- Blow, A. J., & Hartnett, K. (2005). Infidelity in committed relationships II: A substantive review. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31(2), 217-233. Doi: 10.1111/j.1752-0606.2005.tb01556.x
- Bolsanello, A. (2000) *Conselhos: análises do comportamento humano em psicologia*. Curitiba: Editora Educacional Brasileira.

- Borges, D. S., & Dutra, R. S. (2002). *Fidelidade e Infidelidade: interfaces de um casamento*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Instituto de Psicologia, Universidade da Amazônia, Belém, PA. Retirado de http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/fidelidade_e_infidelidade.pdf
- Bowlby, J. (1979). *The making & breaking of affectional bonds*. London: Tavistock/Routledge,
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura-aplicações clínicas da teoria do apego*. (S.M. Barros, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Braz, S.V. (2010). *Stress, qualidade de vida e mitos conjugais*. (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP
- Bruckner, P. (2011) *O Paradoxo Amoroso - Ensaio sobre as Metamorfoses da Experiência Amorosa*. Rio de Janeiro: Difel.
- Brum, E.H.M.; & Schermann, L. (2004). Vinculos iniciais e desenvolvimento infantil: abordagem teórica em situação de nascimento de risco. *Ciencia e Saúde Coletiva*, 9(2):457-467. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232004000200021>.
- Bystronski, B. (1995). Teorias e processos psicossociais da intimidade interpessoal. In Rodrigues, A. (Org.), *Psicologia social para principiantes: estudo da interação humana*. Petrópolis, RJ. Vozes.
- Canezin, C.C. (2007) *A mulher e o Casamento: da Submissão à Emancipação*. Retirado de http://www.flaviotartuce.adv.br/secoes/artigosc/claudente_mulher.doc.
- Chauí, M. (1987). "Sobre o Medo". In A. Novaes (Org.), *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo. Cia. das Letras.
- Cherman, S. (1996). *Sexo x Afeto*. São Paulo: Saraiva.
- Comte-Sponville, A. (2001). *A felicidade, desesperadamente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Costa, G.P (2000). *A cena conjugal*. Porto Alegre: Artes Medicas
- Costa, J. F. (1988). Narcisismo em tempos sombrios. In J. Birman (Org.) *Percursos na história da psicanálise* (pp. 151-176). Rio de Janeiro: Taurus-Timbre.
- Costa, J. F. (1999). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. (5a ed.). Rio de Janeiro: Rocco.
- Costa, M., & Rodrigues Júnior, O. M. (1989). Disfunção sexual erétil e relacionamentos sexuais extra-conjugais. *Reprodução*, 4(2), 73-74.

- Cozolino, L. (2002). *The neuroscience of psychotherapy: Building and rebuilding the human brain*. New York: W. W. Norton & Company.
- Cozolino L. (2014). *The Neuroscience of Human Relationships: Attachment and the Developing Social Brain*. (2nd ed). New York, NY: WW Norton & Co.
- Davidoff, L. L. (1983). *Introdução à psicologia*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Defontaine, J. (1995). Les turbulences de la passion ou la relation d'objet paradoxale. *Bulletin de la Société Psychanalytique de Paris*, 38, 123-138.
- Dittmers, D.B. *Desenvolvimento do comportamento e vínculo com a mãe: estado qualitativo de crianças aos doze meses de idade que freqüentam ou não creche*. (Dissertação de Mestrado não publicada). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo.
- Everly, G. S. (1989). *A Clinical Guide to the Treatment of the Human Stress Response*. New York: Plenum Press.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>
- Féres-Carneiro, T. (2003). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 367-374. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2003000300003>
- Ferreira, A. B. (2004). *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo.
- Ferreira, N. P. (2004) A teoria do amor. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Feybesse, C., Neto, F. & Hatfield, E. (2011). Adaptação da escala de amor apaixonado na população portuguesa. *Psicologia, Educação & Cultura*. 15(1), 161-180.
- Foucault, M. (1984) *Histoire de la sexualité 2: L'usage des plaisirs*. Paris: Gallimard.
- Freud, S. (1996a). Totem e tabu. In S. Freud. Obras completas: Totem e o Tabu. (Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1996b). Introdução ao Narcisismo. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol.14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1996). Psicologia das massas e análise do eu. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 18). Rio de Janeiro. Imago. (Trabalho original publicado em 1921)

- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. 21). Rio de Janeiro. Imago. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (1996). Além do princípio do prazer. In S. Freud. *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2006). Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa. In S. Freud. *Obras completas: Cinco conferencias sobre psicoanálisis, Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci, y otras obras.* (J. L. Etcheverry. trad., Vol.11, pp169-183). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1912).
- Fromm E. (2011) *The art of loving*. New York: Harper. (Trabalho original publicado em 1956).
- Garcia, M. L. T., & Tassara, E. T. O. (2001). Estratégias de enfrentamento do cotidiano conjugal. *Revista Psicologia: Reflexão e crítica*, 14(2), 635-642. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722001000300019>.
- Glass, S. P. & Wright, T. L. (1985). Sex differences in type of extramarital involvement and marital dissatisfaction. *Sex Roles*, 12(9-10), 1101-1120. Doi: <https://doi.org/10.1007/BF00288108>
- Goethe, J. W. (1992). *Afinidades eletivas*. São Paulo: Nova Alexandria. (Coleção Grandes Clássicos)
- Goldenberg, M. (2006). *Infel: notas de uma antropóloga*. Rio de Janeiro: Record.
- Goldenberg, M. (2013) Amor, Casamento e Fidelidade na Cultura Brasileira. *Gênero na Amazônia*, 3, 13-24. Retirado de <http://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicoes/edicao-3/Artigos/Artigo1-Mirian.pdf>
- Gori, R. (2004). *Lógica das paixões*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Gray, J. (1996). *Homens, Mulheres e Relacionamentos*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Green, A. (1974). L'analyste, la symbolisation et l'absence dans le cadre analytique. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 10, 225-252.
- Green, A. (1988). As paixões e suas vicissitudes. In A. Green. *Sobre a loucura pessoal* (C. A. Pavanelli, trad., pp. 217-256). (Trabalho original publicado em 1980). Rio de Janeiro: Imago.
- Gutmann, J. F. (2009). Articulações entre dispositivos televisivos e valores jornalísticos na cena de apresentação do Jornal Nacional. Trabalho apresentado no GP Telejornalismo do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação da Intercom. Curitiba.

- Guiddens, A. (1993) *A transformação da Intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp.
- Haddad, G. (2011). Encontros amorosos: amor, paixão e desejo na cultura moderna. *Ide*, 34(52), 123-131. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01013162011000100013&lng=pt&tlng=pt
- Hatfield, E. (1988). Passionate and companionate love. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes, (Eds), *The psychology of love* (pp. 191-217). New Haven. Yale University Press.
- Hatfield, E., & Sprecher, S. (1986). Measuring passionate love in intimate relations. *Journal of Adolescence*, 9(4), 383-410. doi: [https://doi.org/10.1016/S0140-1971\(86\)80043-4](https://doi.org/10.1016/S0140-1971(86)80043-4)
- Hatfield, E., & Sprecher, S. (2010). The passionate love scale. In Fisher, T. D., C. M. Davis, W. L. Yaber, & S. L. Davis (Eds.) *Handbook of sexuality-related measures: A compendium*. (3rd ed., pp. 469-472). Thousand Oaks, CA: Taylor & Francis.
- Hazan, C. & Shaver, P.R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511 – 524. Retirado de <https://pdfs.semanticscholar.org/a7ed/78521d0d3a52b6ce532e89ce6ba185b355c3.pdf>
- Hendrick, C., & Hendrick, S. S. (2006). Styles of romantic love. In R. J. Sternberg & K. Weis (Eds.), *The new psychology of love* (pp. 149-170). New Haven, CT: Yale University Press.
- Hernandez, J. A. E. (2015). Validade de construto da Escala de Amor Apaixonado. *Psicologia: teoria e prática*, 17(3), 133-145. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872015000300011&lng=pt&tlng=pt.
- Howat-Rodrigues, A. B. C., Andrade, A. L. de, & Tokumaru, R. S. (2013). Escala de Propensão ao Risco Específico – Domínios Evolutivos: adaptação e estrutura fatorial. *Avaliação Psicológica*, 12(3), 281-290. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712013000300002&lng=pt&tlng=pt.
- Jablonski, B. (2001). Atitudes frente à crise do casamento. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Casamento e família: do social à clínica*. (pp. 81-95). Rio de Janeiro: Nau.
- Johnson, R. (1987). *We: A Chave da Psicologia do Amor Romântico*. São Paulo: Editora Mercuryo.
- Jorge, D. B. P. (2010) *A traição como desígnio: uma abordagem simbólica*. (Trabalho para obtenção do título de Especialista em Psicologia Analítica, não publicado). Clínica Paeon, Unisal. São José dos Campos, São Paulo.

- Holmes, T. H. & Rahe, K. (1967). *Type a behavior and Your Heart*. New York: Alfred A. Knopf.
- Kaës, R. (2001). O sujeito da herança. In R. Kaës; H. Faimberg et al. (Orgs.), *Transmissão da vida psíquica entre gerações* (pp. 9-25). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Laplanche, J. (1992). *La prioridad del otro en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu
- Lazarus, R.S. (1993). From psychological stress to the emotions: A history of changing outlooks. *Annual Review of Psychology*, 44, 1-21. doi:org/10.1146/annurev.ps.44.020193.000245
- Lebrun, F. (1991). As reformas: devoções comunitárias e piedade pessoal. Philippe A., & Chartier A. (Orgs.), *História da vida privada*. (Vol. 3, pp. 76-112). São Paulo: Companhia das Letras.
- Lejarraga, A. L. (2003) *Paixão e Ternura: um estudo sobre a noção do amor na obra freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Levinzon, G. K. (2010). Frida Kahlo e Diego Rivera: paixão e dor. *Ide*, 33(50), 196-210. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010131062010000100021&lng=pt&tlng=pt.
- Levy, L. & Gomes, I. C. (2011) Relações amorosas: rupturas e elaborações. *Tempo psicanal*, Rio de Janeiro, 43(1), 45-57. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010148382011000100003&lng=pt&nrm=iso.
- Lewis, C. S. (2012). *Alegoria do Amor – Um estudo da Tradição Medieval*. (G. Greggersen. Trad.). São Paulo: Edições Loyola.
- Lipp, M. E. N. & Rocha, J. C. (2007). *Pressão alta e stress: o que fazer agora? Um guia de vida para o hipertenso*. Campinas, SP: Papyrus.
- Lipp, M. E. N. & Rocha, J. C. (1996). *Inventário de Qualidade de Vida e hipertensão arterial*. Campinas, SP: Papyrus
- Lombardi, C. et al (1988) *Operacionalização do Conceito de Classe Social em Estudos Epidemiológicos*. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, 22(4), 253-65.
- Lundh, L. G. & Simonsson-Sarnecki (2001). Alexithymia, Emotion and Somatic Complaints. *Journal of Personality*, 69(3), 483-510. Retirado de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-6494.00153/pdf>
- Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. A. (2003). Conjugalidade na série identificatória: experiência amorosa e recriação do eu. *Pulsional – Revista de Psicanálise*, 176, 41-50.

- Marazziti, D., & Baroni, S. (2012). Romantic love: the mystery of its biological roots. *Clinical Neuropsychiatry*, 9(1), 14-19. Retirado de http://www.clinicalneuropsychiatry.org/pdf/02_marazziti.pdf
- Marodin, M. (1997). As relações entre o homem e a mulher na atualidade. In M. N. Strey (Org.), *Mulher: estudos de gênero*. (pp. 9-18). São Leopoldo, RS: Unisinos.
- Martins, F. (1994) O que é pathos? In *Psicopathologia I - Fundamentos*. (pp. 2 – 17). Brasília, DF: Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia.
- Matarazzo, M. H. (2000). *Amar é preciso: os caminhos para uma vida a dois*. Rio de Janeiro: Record.
- Mello, J. R. *O cotidiano no imaginário medieval*. São Paulo: Contexto.
- Menezes, A., Calmon, A., Haran, A., Araújo, C.C., Horne, B., Gerbase, J., et al. (2005). A retificação subjetiva na direção da cura. *FALO, Revista Brasileira do Campo freudiano*, 2(1), 21-27.
- Meyer, M. (1994). *O filósofo e as paixões. Esboço de uma história da natureza humana*. Porto, Portugal: Asa.
- Monteiro, M. P. (2001, dez.). Paixão: um amor com tempo marcado. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte, 36. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372011000300011&lng=pt&nrm=iso.
- Mosquera, J. J. M., & Stobäus, C. D. (1982) Vida Adulta: Visão Existencial e Subsídios para Teorização. *Educação*, Porto Alegre, 5, 94-112.
- Muribeca, M. das M. M. (2017). O enigma das paixões e suas vicissitudes amorosas. *Estudos de Psicanálise*, 47, 175-180. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372017000100016&lng=pt&tlng=pt.
- Neri, H. (2007). O feminino e o crime passionai. *Psicanálise & Barroco. Revista de Psicanálise*, 5(2), 7-23. Retirado de <http://132.248.9.34/hevila/Psicanalise&barrocoemrevista/2007/vol5/no2/1.pdf>
- Omar, A. & Uribe, H. D. (1998). Dimensiones de personalidad y busqueda de sensaciones. *Psicologia: Teoria, investigação e Prática*, 3, 257-268
- Oltamari, L. C. (2007). *Aids dá medo. “A conjugalidade segurança”: as representações sociais da Aids entre homens e mulheres que mantêm relações de conjugalidade*. (Tese (Doutorado em Antropologia Social não publicada). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Platão. (1964). O banquete. In Platão. *Diálogos*, 1. São Paulo: Cultrix.

- Prado, L. C. (2009). O casamento e as relações extraconjugais. In L. C. Osório & M. P. Valle (Orgs.), *Manual de Terapia Familiar* (pp. 401-415). Porto Alegre. Artes Médicas.
- Priore, M. D. (2006). *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Prost, A., & Vincent, G. (1992), Uma história do segredo. In Ariès, P. & Duby, G. (Orgs.), *História da vida privada: da primeira guerra a nossos dias*. (5a ed., pp. 137-364). São Paulo: Cia das Letras.
- Ribeiro, J.L.P. (2011) *Inventário de Saúde Mental*. Lisboa: Placebo.
- Robert, P. (1992). *Le Petit Robert 1: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris: Le Robert.
- Rocha, Z. (2002). *A paixão silenciosa: uma leitura psicanalítica sobre as paixões amorosas*. São Paulo: Escuta.
- Rocha, Z. (2008) *Freud: novas aproximações*. Recife: Editora da UFPE.
- Rossi, C. (2003). Os novos vínculos conjugais: vicissitudes e contradições. In P. B. Gomes (Org.), *Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmica das novas estruturas familiares*. (p.77-108). São Paulo: Callis.
- Rougemont, D. (1988). *O amor e o ocidente*. (P. Brandi; E. B. Cachapuz, trads.). Rio de Janeiro: Guanabara.
- Rüdiger, F. (2012). O amor no século XX: romantismo democrático versus intimismo terapêutico . *Tempo Social*, 24(2), 149-168. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702012000200008>
- Saddi, L. (2011). Erotismo: e onde fica o amor?. *Ide*, 34(52), 206-210. Retirado , de. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010131062011000100020&lng=pt&tlng=pt.
- Sánchez, M. & Roel, I. (2001). El proceso de envejecimiento en la mujer. *Revista Tiempo: El portal de la Psicogerontología*, 8. Retirado de <http://www.psicomundo.com/tiempo/>.
- Sartre, J.P. (2011): *L'Être et le Néant – essai d'ontologie phénoménologique*. Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1943).
- Sêneca, L.A. (1985) *Medéia*. (3a. ed.). São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores)
- Sêneca, L. A. (1991). *Cartas a Lucílio*. (J. A. Segurado e Campos, trad., pref. e notas). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Shaver, P. R., Hazan, C., & Brashaw, D. (1988). Love as attachment: The integration of three behavioral systems. In R. J. Stenberg, & M. Barnes (Eds.). *The Psychology of Love* (pp.68-99). New Haven, CT: Yale University Press.
- Shore, R. (2000). *Repensando o cérebro*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Siegel S. (2006). *Estatística não paramétrica (Para as ciências do Comportamento)*. São Paulo: Bookman Companhia.
- Silva, H. J.L (2010) Alexitimia, Dor e Psicopatologia em doentes com Enfarte Agudo do Miocárdio. (Dissertação de Mestrado em Psicologia da Dor não publicada). Instituto Superior de Ciências da Saúde do Norte. Portugal.
- Silva, P.J.C (2006, março) O tratamento das paixões da alma nos primórdios da medicina moderna: o *De victum romanorum* de Alessandro Petronio. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, 9(1), 64-75. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/1415-47142006001006>
- Silva, S. P. da. (2002). Considerações sobre o relacionamento amoroso entre adolescentes. *Cadernos CEDES*, 22(57), 23-43. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622002000200003>
- Sophia, E. C. (2008). *Amor patológico: aspectos clínicos e de personalidade*. (Tese de Doutorado não publicada). Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Stendhal. (1992). *Do amor*. Rio de Janeiro: Ediouro. (Trabalho original publicado em 1822)
- Sternberg, R.J. (1986) A triangular theory of Love. *Psychological Review* 93(2), 119-135. Retirado de http://pzacad.pitzer.edu/~dmoore/1986_Sternberg_TriangleLove_PsyRev.pdf
- Sternberg, R.J. (1995) "Love as a Story." *Journal of Social and Personal Relationships*, 12(4), 541-546. doi: 10.1177/0265407595124007
- Taylor, G. J., Bagby, R. M., & Parker, J.D.A. (1985). Toward the development of a new self-report alexithymia scale. *Psychotherapy and Psychosomatics*, 44(4), 191–199. doi: <http://dx.doi.org/10.1159/000287912>
- Taylor, G. J., Bagby, R. M., & Parker, J. D. A. (1997). Disorders of affect regulation. Alexithymia in medical and psychiatric illness. Cambridge: Cambridge University Press.
- Toates F. (1999). Cognition, motivation, emotion and action: a dynamic and vulnerable interdependence. *Appl. Anim Behav. Sci.*, 86(3-4). 173–204. doi: <https://doi.org/10.1016/j.applanim.2004.02.010>
- Torezan, Z. C. F.; & Aguiar, F. (2011). O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 11(2), 525-554.

Recuperado

de

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200004&lng=pt&tlng=.](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200004&lng=pt&tlng=)

Vainfas, R. (1986) *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo: Ática

Vincent, L. (2005). *Por que nos apaixonamos - como a ciência explica os mistérios do amor*. Rio de Janeiro: Ediouro.

Weber, L. N. D., Viezzer, A. P., Brandenburg, O. J., & Zocche, C. R. E. (2002) Famílias que maltratam: uma tentativa de socialização pela violência. *Psico USF*, Itatiba,. 7(2), 163–173. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712002000200005>